

TEORIA e DEBATE

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO | FEVEREIRO 2025

EDIÇÃO ESPECIAL



O futuro é muito importante para o PT e para a Fundação Perseu Abramo. E, para construí-lo, os debates do seminário *A realidade brasileira e os desafios do Partido dos Trabalhadores*, ocorrido em Brasília em dezembro de 2024, integram a segunda parte desta edição.



A História continua.

Leia para discutir e transformar o Brasil. O futuro depende da sua formação para defender o projeto petista.

Contra seu ventre, nascemos...

(PARA SER LIDO EM VOZ ALTA NAS VIGÍLIAS EM DEFESA DA DEMOCRACIA)

I.

Armazém das utopias. Cais do Porto.
Descrevemos uma larga parábola
como se desenhassemos a cartografia
de um improvável regresso
ao que fomos um dia (e já não somos)
ao largar do porto de partida:
um chão de fábrica,
um remoto campo de futebol.

Aqui estamos num verão tardio
sobre esse chão castigado por séculos de suor.
Salgado pelos pés de negros e estivadores.
Os rostos marcados por tantas batalhas.
E essa luz de estrelas,
talvez extintas,
nos fere o coração mais uma vez.

Envolvido pela algaravia de vozes,
pelo calor dos corpos,
esperanças e enganos que me cercam,
teço com os dedos do espírito,
num relâmpago,
como na tela plana de um computador,
essa íntima geografia de tempo e silêncio
por onde miro as sólidas estruturas de ferro,
tijolo

e sonhos
que nos abrigam por um momento
da ferocidade dos inimigos.

Contemplo a fria lâmina dos ódios
que desatamos.
Temperada por séculos no fogo lento
dos banguês, das caldeiras
desse engenho tropical de mando
movido à surda força de espora e rebenque
e penso:

como podemos esperar um ato
de contenção ou respeito
da mão que nos desce o látego
sobre o lombo em carne viva?
E maneja a lâmina, de golpe,
contra a cabeça de quem se levanta?

A mesma mão guiada pela fúria
de quem, dia após dia,
por vergonha,
desejou nos encarcerar no ventre?
E nos negar a luz e o ar que respiramos?
E nos calar a voz e interditar o gesto?

Essa ibérica senhora coberta de rendas
e arrogância,
habitante do solar da Casa Grande,
para quem nunca deveríamos ter nascido?

E saber que apesar dela nascemos...
Contra seu ventre nascemos...
Renascemos todos os dias,
como se fôramos uma vingança da vida,
com outra luz, que ilude o cerco da sombra
e acende aqui uma nova face,
outra estrela recolhida
no estoque infinito de utopias,
renascemos...

II.

Que a cidade possa nos ouvir
desde o Cais do Valongo.
Que o país possa nos ouvir
pela voz sobrevivente de João Cândido,
um dia enterrado em cal virgem.

Renasce aqui o rumor das ruas,
entre a canção e o grito
que desata de dentro das veias
para alcançar os ouvidos da multidão
anestesiados pela Hidra de Lerna
ou do Jardim Botânico? Pergunto.

Será esse o lugar
onde viemos beber canções
pisadas pelos pés de negros,
guiados pela batida dos tamborins,
que se ouvem nos becos da Lapa,
nos morros da Providência e da Conceição
para retomar a marcha?
Aprendemos nos Pelourinhos
que não se palmilha
desertos tão vastos, sem recuos.
Sem erros na rota que traçamos
e o vento varreu do areal durante a noite.
Sem traições, desvios, vilanias.
Sem as perdas de muitos
que a tempestade apartou de nós.

Sei, desde tempos subterrâneos,
que não estão vendados os olhos da Justiça.
Que Justiça pode fazer a justiça de uma só face?
Que Justiça pode fazer classe?
Mira com um olho só
a justiça dos meninos de granja.

Invocamos nossos santos e orixás,
nossos combatentes e sua memória
para redesenhar o percurso.
Repercuta no peito o som do surdo.
Ecoa a cadência de um samba antigo,
sempre novo para alimentar
esse delírio que nos assalta a medula:
fomos condenados à liberdade.
Seguiremos proscritos
por uma ordem sem remédio.
Alimentados pela voz rouca do peão
que não se dobra ao açoite.

Devo curvar-se até ao chão
para recolher os estilhaços da estrela,
a palavra e o sal
que sustentaram nossas dúvidas
e nossas certezas:
não seremos expulsos do tempo
que nos coube viver.

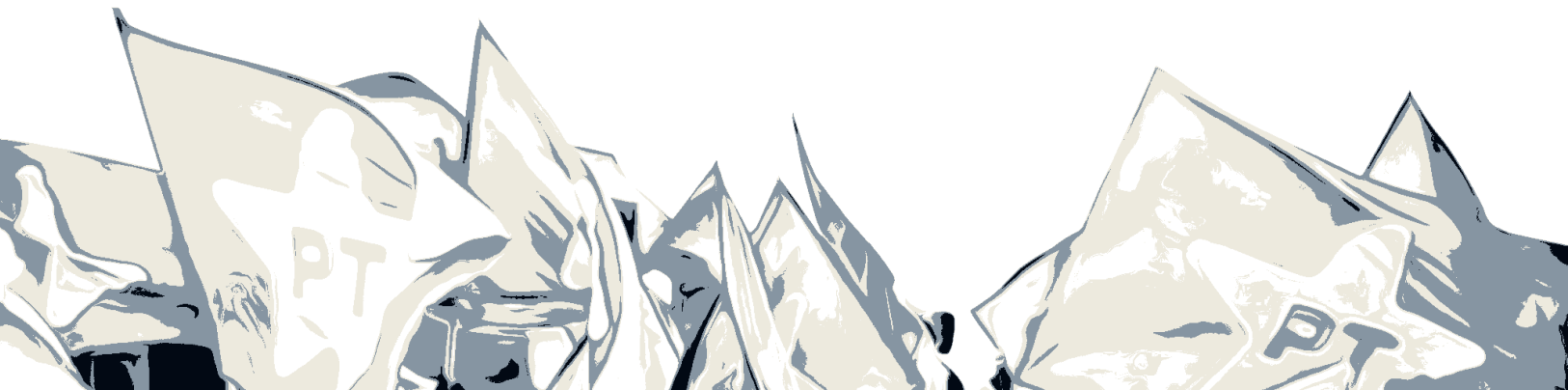
Contemplo vigas, tijolos, palavras.
Os rostos. Os corações abertos.
As cores, os abraços. As lágrimas.
Os olhos das pessoas inundados
pelo sublime veneno da esperança.

Estamos de pé,
para retomar a marcha interrompida.
Agora é a vigília.
Agora é a rua, a praça, os becos, os morros,
os cais, os corações.
O chão da fábrica,
o assédio à cerca do latifúndio.
As escolas ocupadas
pelos que nasceram depois de nós.
A guerrilha digital contra a acidez do ódio
que sonha dissolver a invencível alegria
de nossa gente.
Acreditem, os sonhos do ódio não vingam.

Rio, 27/02/2016.
Brasília, 10/03/2016

Aos que um dia nos desejaram o pelourinho,
o sal, a cinza, a morte: quarenta e cinco anos
depois, “para nascer, nascemos...”

Pedro Tierra.
Brasília, 10/02/2025.





3

45 ANOS DO PARTIDO DOS TRABALHADORES

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Nenhum desafio é maior do que a nossa capacidade de luta e resistência.



5

TRANSFORMAR O PRESENTE E PROJETAR O FUTURO

GLEISI HOFFMANN

7

MANIFESTO DO PARTIDO DOS TRABALHADORES



9

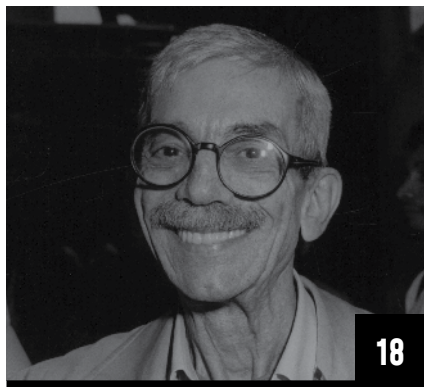
HISTÓRIA E MEMÓRIA DO PARTIDO DOS TRABALHADORES

11

LINHA DO TEMPO PT 45 ANOS, DE OLHO NO FUTURO

12

O QUE O PT REPRESENTA PARA VOCÊ



18

A HISTÓRIA DO PUBLICITÁRIO QUE CRIOU O OPTEI

HENRIQUE NUNES

20

ESTRELAS QUE PARTICIPARAM DA FORMAÇÃO DO PT



21

EDITORA FPA

Comprometida com a formação e a pesquisa, reúne centenas de autores e autoras

22

A TRAJETÓRIA DA PREFERÊNCIA PARTIDÁRIA DO PT

MATHEUS TANCREDO TOLEDO

23

PRESIDÊNCIA PARTIDÁRIA DO PT



24

POR UM PROJETO DE BRASIL QUE MOBILIZE ENCANTE A SOCIEDADE

PAULO OKAMOTTO

EXPEDIENTE

Teoria e Debate, edição especial 45 anos do Partido dos Trabalhadores

Fevereiro de 2025

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Paulo Okamoto

Vice-presidente: Brenno Cesar Gomes de Almeida

Diretoras: Elen Coutinho, Mônica Valente e Naiara Raiol

Diretores: Alberto Cantalice, Alexandre Macedo de Oliveira, Carlos Henrique Árabe, Jorge Bittar e Valter Pomar

CONSELHO CURADOR

Presidenta: Eleonora Menicucci

Conselheiros: Ana Carolina Moura Melo Dartora, Ana Maria de Carvalho Fontenele, Arthur Chioro, Azilton Ferreira Viana, Camila Vieira dos Santos, Dilson de Moura Peixoto Filho, Eliane Aquino Custódio, Elisa Guaraná de Castro, Esther Bemerguy de Albuquerque, Everaldo de Oliveira Andrade, Fernando Damata Pimentel, Fernando Dantas Ferro, Francisco José Pinheiro, Iole Ilíada Lopes, José Roberto Paludo, José Zunga Alves de Lima, Laís Wendel Abramo, Luciano Cartaxo Pires de Sá, Luiza Borges Dulci, Maria Isolda Dantas de Moura, Nabil Georges Bonduki, Nilma Lino Gomes, Paulo Gabriel Soledade Nacif, Pedro Silva Barros, Sandra Maria Sales Fagundes, Sergio Nobre, Tereza Helena Gabrielli Barreto, Vladimir de Paula Brito.

EQUIPE DE PRODUÇÃO

Pedro Camarão (coordenador de comunicação)

Fernanda Estima (editora)

Claúdia Rocha, Fernanda Otero, Guto Alves, Henrique Nunes, Rose Silva, Rogério Chaves, Sérgio Silva, Paulo Vannuchi e Raquel Costa Pesquisa de imagem: Vanessa Nadotti, Sarkis Alves, Bruno de Oliveira Santos, Guido Alvarenga, Irani Dias Menezes, Rafael Vieira Valente, Suzi Alves, Laura Finesso Chalegre e Luís Henrique Toledo Nunes

Projeto gráfico: Vinícius Toledo

Edição de arte e diagramação: Camila Roma e

Nathalie Nascimento

Fotos: Sergio Silva

Gráfica: Piffer Print

Edição impressa e eletrônica

CONTATOS

td@fpabramo.org.br

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234

Vila Mariana - São Paulo (SP) – CEP 04117-091

Telefone: (11) 5571-4299

Relembrando o passado, afirmando o presente e projetando o futuro

A Fundação Perseu Abramo, lança essa edição comemorativa da Teoria e Debate dos 45 anos do Partido dos Trabalhadores com o mesmo propósito da edição anterior, que lembrava o Golpe Civil-militar de 1964: trazer conhecimento histórico para a militância do Partido dos Trabalhadores, relembrando a luta daqueles que sempre empunharam a bandeira das mudanças na trágica situação de miséria e indignação a que foram submetidos milhões de brasileiros. Muitos já se foram, mas, deixaram um legado que engrandece a nossa militância e nos dá - aos petistas - à sensação de serem os continuadores dessa longa história de lutas da esquerda brasileira.

Dividida em duas partes, a revista também apresenta uma excelente reprodução do seminário “A realidade brasileira e os desafios do Partido dos Trabalhadores”, realizado em Brasília em dezembro de 2024, produzido pelo PT e pela FPA, e coordenado por Paulo Okamoto e Gleide Andrade. Os trechos integrais das palestras realizadas são fundamentais para quem quiser debater o Brasil de hoje.

Como toda construção coletiva, esta revista não teria a qualidade e profundidade que a compõe se não fosse a dedicação da editora da TD, Fernanda Estima, da supervisão de Pedro Camarão, da operacionalidade de Rogério Chaves e da inestimável contribuição dos companheiros do Centro Sérgio Buarque de Holanda (CSBH), da FPA, coordenados pela companheira Elen Coutinho e pelo apoio integral de toda a diretoria da Fundação Perseu Abramo.

Outras edições impressas virão. A revista Teoria e Debate será mais uma ferramenta de diálogo e aprendizado coletivo para todos os petistas espalhados pelos quatro cantos do Brasil.

Alberto Cantalice, diretor de Comunicação da FPA

45 anos do Partido dos Trabalhadores

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Presidente da República Federativa do Brasil



Crédito: Ricardo Stuckert / PR

Além das merecidas comemorações, o aniversário de 45 anos do PT exige de nós uma reflexão sobre o futuro. Um futuro de enormes desafios não apenas para o Brasil, mas para toda a humanidade.

A crescente digitalização do trabalho, o avanço das Big Techs, as incertezas quanto à Inteligência Artificial, a concentração cada vez maior de renda nas mãos de poucos, a emergência climática e a ascensão da extrema direita no mundo fazem parte destes desafios.

Antes de tudo, cabe lembrar que o enfrentamento de grandes desafios é parte indissociável da história do PT. Nascemos durante a ditadura militar, crescemos no neoliberalismo, atravessamos as tentativas de desmonte do Estado, a perseguição judiciária ao partido, o golpe de 2016, a poderosa máquina de espalhar desinformação e fake news, o permanente ódio das elites e de seus representantes na grande mídia.

Perdemos a conta de quantas vezes decretaram a morte do PT. Apesar de tudo, chegamos aos 45 anos vivos e fortes. Sem renunciar aos valores que nos trouxeram até aqui, seja no governo ou na oposição: a defesa intransigente da democracia e da soberania do Brasil, a busca pelo desenvolvimento econômico com inclusão social, o combate à fome e a todas as formas de desigualdade.

Nenhum desafio é maior do que a nossa capacidade de luta e resistência.

Tenho recomendado aos companheiros e companheiras a leitura do Manifesto de Fundação do Partido dos Trabalhadores, escrito há 45 anos.

Não se trata de propor uma volta ao passado. O país mudou nos últimos anos. Precisamos responder a

essa nova realidade e apontar para o futuro.

Mas tão importante quanto sabermos para onde vamos é jamais esquecermos de onde viemos. O PT precisa estar, mais uma vez, à altura de suas origens.

Cito um trecho do nosso Manifesto: “O PT quer atuar não apenas nos momentos das eleições, mas, principalmente, no dia a dia de todos os trabalhadores.”

No final de 2024, tive a oportunidade de participar do seminário “A realidade brasileira e os desafios do Partido dos Trabalhadores”, promovido pelo PT e a Fundação Perseu Abramo. Na ocasião, fiz o seguinte alerta:

“Se a gente não discutir política dentro da fábrica, do comércio, no bairro, se a gente aparecer nos bairros apenas de quatro em quatro anos para pedir voto, nós estaremos sendo iguais a qualquer partido nesse país. Nós não nascemos para ser igual, nascemos para ser diferente”.

Volto ao Manifesto de Fundação do PT, quando ele diz que somente estando presente no dia a dia do trabalhador “será possível construir uma nova forma de democracia, cujas raízes estejam nas organizações de base da sociedade e cujas decisões sejam tomadas pelas maiorias.”

Isso nos coloca diante das seguintes questões: estamos de fato presentes no dia a dia do trabalhador? Estamos de



fato ouvindo os trabalhadores, ou apenas falando em nome deles? Estamos de fato construindo uma nova democracia, ou correndo para apagar o incêndio quando a democracia é ameaçada, a exemplo do 8 de janeiro de 2023?

Precisamos estar atentos às novas formas de comunicação, ocupar as redes sociais, usar os algoritmos a nosso favor, rebater as fake news com a maior agilidade possível.

A verdade tem que vencer a mentira também no ambiente digital.

Mas, se o campo de batalha

hoje é outro, a luta de classes continua a mesma.

Por isso, precisamos ser também “analógicos”, no sentido de percorrer de novo o Brasil, ocupar as ruas, conversar com as pessoas nos bairros, igrejas, locais de trabalho, movimentos sociais, universidades.

Jamais perder de vista a sabedoria do povo brasileiro.

Precisamos de mais apertos de mãos, mais conversas olho no olho, mais sorrisos e mais abraços.

Porque o afeto vale mais do que mil algoritmos.



**GLEISI HOFFMANN***Presidenta do Partido dos Trabalhadores*

Transformar o presente e projetar o futuro

A história do PT e a história do Brasil se entrelaçam indelévelmente nos últimos 45 anos, marcando um período de mudanças significativas nas práticas políticas e na vida do povo brasileiro. Nascido no chão das fábricas, na lida da terra e nas ruas das cidades, o Partido dos Trabalhadores e das Trabalhadoras construiu nesse curto período a mais relevante trajetória de uma organização política, popular e de esquerda em nosso país.

Recebemos nesta jornada a contribuição de religiosos, intelectuais, artistas e militantes das mais diversas origens,

o que fez do PT um mosaico vivo não só da política, mas da própria alma brasileira; nossas raízes, nossa cultura, nossos sonhos e esperanças. Resistindo e construindo, avançando ou sofrendo, o PT manteve-se sempre coerente com nossas origens e nosso compromisso, rumo à construção do socialismo em uma sociedade democrática.

Desde os primeiros tempos nosso partido demonstrou sua vocação transformadora, organizando-se inicialmente em núcleos de base que a tradição desconhecia. Nas primeiras prefeituras que conquistamos,

invertemos, com o orçamento participativo, a lógica das decisões de cima para baixo. Levamos a voz e a pauta da classe trabalhadora e do povo oprimido para a campanha das diretas e para o plenário da Constituinte. Provamos que um presidente nascido do povo e forjado na luta dos trabalhadores podia governar este país melhor do que nunca havia sido antes. Foi nosso compromisso de origem com o povo brasileiro que nos levou, nos governos do presidente Lula e da presidenta Dilma Rousseff, a realizar profundas transformações no país. Vencemos a fome e tiramos milhões da pobreza, criamos mais de 20 milhões de empregos, o salário mínimo teve aumento real de 74%, a economia voltou a crescer e o Brasil assumiu o papel que lhe cabe no cenário

internacional, liderando a pauta ambiental, a integração regional e a luta contra a fome. E foi este legado de mudança, prosperidade e esperança, no coração e na memória do povo, que nos deu forças para resistir à mais intensa de campanha de ódio e mentira que já se lançou contra um partido político e sua maior liderança. Foi a coragem de nossa extraordinária militância, a solidariedade que recebemos dentro e fora do Brasil, numa luta judicial e política tenaz, que nos levou à vitória eleitoral de 2022, construindo uma frente democrática e popular em torno de Lula para iniciar a reconstrução do país.

É esta trajetória que celebramos neste fevereiro de 2025, mais uma vez com a responsabilidade de governar, sob a liderança do presidente Lula. O relançamento da revista Teoria e Debate, da Fundação Perseu Abramo, nesta edição especial, vem, portanto, num momento muito oportuno, em que se exige o aprofundamento crítico frente às novas questões e aos novos desafios colocados para o nosso campo político.

Um partido forjado na luta contra a ditadura e na defesa dos direitos da classe trabalhadora deve responder hoje aos desafios das mudanças na sociedade e no mundo do trabalho, numa conjuntura em que a desigualdade e a exploração voltam a se expressar, no Brasil e no mundo, pela articulação de uma extrema direita cada vez mais

Desde os primeiros tempos nosso partido demonstrou sua vocação transformadora, organizando-se inicialmente em núcleos de base que a tradição desconhecia.

voraz, violenta e agressiva. Não há respostas fáceis nem prontas para esta nova conjuntura, em que a disputa pela hegemonia se desloca fortemente para o ambiente das redes sociais, onde predominam nossos adversários, agravando o desequilíbrio que já enfren-

távamos na mídia e em outros campos de disputa, favoráveis ao pensamento reacionário e neoliberal. Por isso mesmo é tão importante cultivarmos os espaços de debate e elaboração política no campo popular e de esquerda, papel que Teoria e Debate volta a cumprir.

É imensa a tarefa que se coloca para o Partido dos Trabalhadores neste momento: reconstruir o país, transformar o presente e projetar o futuro de um partido ao qual tantos brasileiros e tantas brasileiras dedicaram o melhor de sua luta, seu talento e suas vidas nestes 45 anos. É a estas pessoas, dirigentes e militantes, que o PT deve sua existência. E é pelo povo brasileiro que seguiremos lutando.



Manifesto de Fundação do Partido dos Trabalhadores



Crédito: CSBH / FPA

Aprovado pelo Movimento Pró-PT, em 10 de fevereiro de 1980, no Colégio Sion (SP), e publicado no Diário Oficial da União de 21 de outubro de 1980. O Partido dos Trabalhadores surge da necessidade sentida por milhões de brasileiros de intervir na vida social e política do país para transformá-la. A mais importante lição que o trabalhador brasileiro aprendeu em suas lutas é a de que a democracia é uma conquista que, finalmente, ou se constrói pelas suas mãos ou não virá. A grande maioria de nossa população trabalhadora, das cidades e dos campos, tem sido sempre relegada à con-

dição de brasileiros de segunda classe. Agora, as vozes do povo começam a se fazer ouvir por meio de suas lutas. As grandes maiorias que constroem a riqueza da Nação querem falar por si próprias. Não esperam mais que a conquista de seus interesses econômicos, sociais e políticos venha das elites dominantes. Organizam-se elas mesmas, para que a situação social e política seja a ferramenta da construção de uma sociedade que responda aos interesses dos trabalhadores e dos demais setores explorados pelo capitalismo.

Nascendo das lutas sociais Após prolongada e dura resistência democrática, a grande novidade conhecida pela sociedade brasileira é a mobilização dos trabalhadores para lutar por melhores condições de vida para a população das cidades e dos campos. O avanço das lutas populares permitiu que os operários industriais, assalariados do comércio e dos serviços, funcionários públicos, moradores da periferia, trabalhadores autônomos, camponeses, trabalhadores rurais, mulheres, negros, estudantes, índios e outros setores explorados pudessem se organizar para

defender seus interesses, para exigir melhores salários, melhores condições de trabalho, para reclamar o atendimento dos serviços nos bairros e para comprovar a união de que são capazes.

Estas lutas levaram ao enfrentamento dos mecanismos de repressão impostos aos trabalhadores, em particular o arrocho salarial e a proibição do direito de greve. Mas, tendo de enfrentar um regime organizado para afastar o trabalhador do centro de decisão política, começou a tornar-se cada vez mais claro para os movimentos populares que as suas lutas imediatas e específicas não bastam para garantir a conquista dos direitos e dos interesses do povo trabalhador. Por isso, surgiu a proposta do Partido dos Trabalhadores. O PT nasce da decisão dos explorados de lutar contra um sistema econômico e político que não pode resolver os seus problemas, pois só existe para beneficiar uma minoria de privilegiados.

Por um partido de massas O Partido dos Trabalhadores nasce da vontade de independência política dos trabalhadores, já cansados de servir de massa de manobra para os políticos e os partidos comprometidos com a manutenção da atual ordem econômica, social e política. Nasce, portanto, da

vontade de emancipação das massas populares. Os trabalhadores já sabem que a liberdade nunca foi nem será dada de presente, mas será obra de seu próprio esforço coletivo. Por isso protestam quando, uma vez mais na história brasileira, vêem os partidos sendo formados de cima para baixo, do Estado para a sociedade, dos exploradores para os explorados. Os trabalhadores querem se organizar como força política autônoma. O PT pretende ser uma real expressão política de todos os explorados pelo sistema capitalista. Somos um Partido dos Trabalhadores, não um partido para iludir os trabalhadores. Queremos a política como atividade própria das massas que desejam participar, legal e legitimamente, de todas as decisões da sociedade. O PT quer atuar não apenas nos momentos das eleições, mas, principalmente, no dia-a-dia de todos os trabalhadores, pois só assim será possível construir uma nova forma de democracia, cujas raízes estejam nas organizações de base da sociedade e cujas decisões sejam tomadas pelas maiorias. Queremos, por isso mesmo, um partido amplo e aberto a todos aqueles comprometidos com a causa dos trabalhadores e com o seu programa. Em consequência, queremos construir uma estrutura interna democrática, apoiada em decisões coletivas e cuja direção e programa sejam decididos em suas bases.

Pela participação política dos trabalhadores

Em oposição ao regime atual e ao seu modelo de desenvolvimento, que só beneficia os privilegiados do sistema capitalista, o PT lutará pela extinção de todos os mecanismos ditatoriais que reprimem e ameaçam a maioria da sociedade. O PT lutará por todas as liberdades civis, pelas franquias que garantem, efetivamente, os direitos dos cidadãos e pela democratização da sociedade em todos os níveis.

Não existe liberdade onde o direito de greve é fraudado na hora de sua regulamentação, onde os sindicatos urbanos e rurais e as associações profissionais permanecem atrelados ao Ministério do Trabalho, onde as correntes de opinião e a criação cultural são submetidas a um clima de suspeição e controle policial, onde os movimentos populares são alvo permanente da repressão policial e patronal, onde os burocratas e tecnocratas do Estado não são responsáveis perante a vontade popular. O PT afirma seu compromisso com a democracia plena e exercida diretamente pelas massas. Neste sentido proclama que sua participação em eleições e suas atividades parlamentares se subordinarão ao objetivo de organizar as massas exploradas e suas lutas. Lutará por sindicatos independentes do Estado, como também dos próprios partidos políticos. O Partido dos Trabalhadores pretende que o povo decida o

que fazer da riqueza produzida e dos recursos naturais do país. As riquezas naturais, que até hoje só têm servido aos interesses do grande capital nacional e internacional, deverão ser postas a serviço do bemestar da coletividade. Para isso é preciso que as decisões sobre a economia se submetam aos interesses populares. Mas esses interesses não prevalecerão enquanto o poder político não expressar uma real representação popular, fundada nas organizações de base, para que se efetive o poder de decisão dos trabalhadores sobre a economia e os demais níveis da sociedade.

Os trabalhadores querem a independência nacional. Entendem que a Nação é o povo e, por isso, sabem que o país só será efetivamente independente quando o Estado for dirigido pelas massas trabalhadoras. É preciso que o Estado se torne a expressão da sociedade, o que só será possível quando se criarem condições de livre intervenção dos trabalhadores nas decisões dos seus rumos. Por isso, o PT pretende chegar ao governo e à direção do Estado para realizar uma política democrática, do ponto de vista dos trabalhadores, tanto no plano econômico quanto no plano social. O PT buscará conquistar a liberdade para que o povo possa construir uma sociedade igualitária, onde não haja explorados nem exploradores. O PT manifesta sua solidariedade à luta de todas as massas oprimidas do mundo.

Crédito: Nair Benédico/N-imagens



História e memória nos 45 anos do PT

Holanda tem sob sua guarda registros de uma das experiências mais importantes da classe trabalhadora na história recente do Brasil. O CSBH é responsável pelo tratamento do arquivo

Antes do famoso encontro no Colégio Sion, dos debates e ações que prepararam o surgimento do PT, o Brasil viveu seus momentos sombrios e tristes. A ditadura, que ceifou tantas vidas, aniquilou famílias, promoveu perseguições e violência, dominou a realidade do país. Foram anos de muita luta até que fosse possível sentir a efervescência que ecoava com os primeiros momentos da abertura, com o fim da ditadura. Vencido o período do medo, o país abre suas janelas para que a democracia retorne e junto com

ela as possibilidades de organização da classe trabalhadora, de debates sobre os rumos e o futuro do Brasil. E então chegamos ao momento que possibilitou o nascimento do PT.

O levantamento histórico e iconográfico que produzimos para os 45 anos do partido, para registrar a memória de tantos fatos importantes para o Brasil e o mundo, só foi possível graças aos colegas da equipe do Centro de Memória e Documentação Política Sérgio Buarque de Holanda, da Fundação Perseu Abramo.

O Centro Sérgio Buarque de

histórico do Diretório Nacional do PT, bem como pelo fomento à pesquisa e à reflexão sobre a história do partido, da esquerda e da classe trabalhadora, atuando em diversas frentes de trabalho.

A partir da documentação do CSBH, a FPA pode oferecer elementos para entender a relação dos trabalhadores e das trabalhadoras com a política e com o sistema político nacional, e permite aos pesquisadores analisar a história do PT com base em evidências produzidas na realidade dos processos históricos.

E foi também a partir do trabalho do CSBH que apresentamos a trajetória do PT, a conjuntura do Brasil e do mundo, as vitórias e conquistas, destes 45 anos de existência do maior e mais importante partido da esquerda da América Latina.

Feliz aniversário, PT!

Crédito: Autoria desconhecida. Coleção Democracia Socialista. Acervo CSBH/FPA.





Crédito: Juca Martins. Fundo PT/DN. Acervo CSBH/FPA.

CRIAÇÃO DO PT

O PT surgiu em meio à redemocratização. Em 10 de fevereiro de 1980, no Colégio Sion, SP, aprovou seu manifesto. Em maio e julho, definiu programa e estatuto.



Crédito: Mauro Di Deus. Acervo CSBH/FPA.



Crédito: Paula Simas. Fundo PT/DN. Acervo CSBH/FPA.



Crédito: Agência Senado



Crédito: Agência Senado

1980

1990

Crédito: Autoria Desconhecida. Fundo PT/DN. Acervo CSBH/FPA



Presidente quem escolhe é a gente

ELEIÇÕES DIRETAS 84

PT PARTIDO DOS TRABALHADORES

Crédito: Acervo CSBH/FPA.

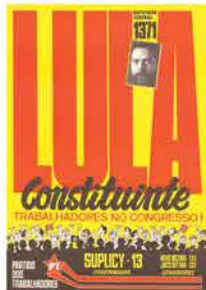
DIRETAS JÁ

Em 1984, milhões foram às ruas pelo voto direto. A emenda Dante de Oliveira fracassou por 22 votos na Câmara, frustrando o fim imediato da ditadura.

Crédito: Autoria desconhecida



Crédito: Sérgio Mestler. Acervo CSBH/FPA



Crédito: Acervo CSBH/FPA.

PT NA CONSTITUINTE

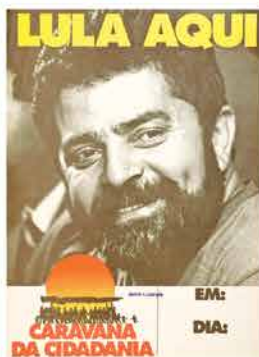
O PT foi decisivo na Constituinte, propondo um projeto completo e impulsionando 122 emendas populares com mais de 12 milhões de assinaturas.

Crédito: Clóvis Ferreira. Coleção Democracia Socialista. Acervo CSBH/FPA.



CARAVANAS DA CIDADANIA

Desde 1993, as Caravanas da Cidadania percorreram 30 mil km e 400 cidades, ouvindo a população e influenciando os programas de governo do PT. Na foto, no Vale do São Francisco, Lula encontra Manuelzão, que inspirou Guimarães Rosa no conto "Manuelzão e Miguilim".



Crédito: Acervo CSBH/FPA.

2000 EM DIANTE

Crédito: Ennio Brauns Filho



CRIAÇÃO DA FPA

Criada em 1996, a Fundação Perseu Abramo articula intelectuais e artistas, preserva a memória petista e analisa questões da esquerda no Brasil e no mundo.

ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS



Crédito: Marcello Casal Jr./ABr22. (Agência Brasil – Liberdade)



Crédito: Roberto Stuckert Filho



Crédito: Foto: Tânia Rêgo/Agência Brasil



Crédito: Ricardo Stuckert

Após três tentativas, Lula venceu em 2002, tornando-se o primeiro operário presidente do Brasil. Em 2010, Dilma Rousseff foi eleita a primeira mulher a governar o país.

Depoimentos de quem ajudou a construção partidária



ALOIZIO MERCADANTE

presidente do BNDES, ex-presidente da Fundação Perseu Abramo

Tinha tudo para dar errado. E essa era a previsão da maioria dos “analistas”. O PT ia fracassar. Mas, naquele 10 de fevereiro de 1980, algo mágico aconteceu. Um “anjo” passou no Colégio Sion e disse baixinho aos corações reunidos: “Vai lá PT, vai ser gauche na vida! Ninguém sabia ainda, mas esse anjo torto era o povo brasileiro, que vivia nas sombras e gritava em silêncio para ter voz e vez, num país tão injusto e desigual. Com o PT, todos os anjos saíram das sombras. E, hoje, continuamos a fazer a diferença. Unimos as forças democráticas do país para derrotar o autoritarismo, os preconceitos, as desigualdades, pobreza, o ódio e mentiras. Nossa estrela brilha, de novo, com o fogo eterno da paixão pelo povo brasileiro. Afinal, quem está ao lado do povo sempre está. Sempre estaremos aqui.



BENEDITA DA SILVA

deputada federal PT/RJ

O Partido dos Trabalhadores e das Trabalhadoras nasceu em 1980 das bases sociais em luta para se tornar um partido de governo com Lula presidente, que junto com a presidenta Dilma colocou o povo no orçamento e fez do Brasil uma potência emergente. Por isso, sofreu o golpe do impeachment e a prisão injusta de Lula. Mas o PT demonstrou grande resiliência para superar essa etapa de sacrifícios e perdas e com Lula candidato liderando a frente democrática conseguiu derrotar a continuidade do presidente neofascista. Lula põe de novo o povo no orçamento, gera emprego e faz a economia crescer. Mas o mundo do trabalho mudou bastante e os petistas têm diante de si os desafios de decifrar essa nova realidade e reconquistarem o protagonismo social. Assim como vencemos outros desafios esses também venceremos e vamos reeleger Lula em 2026.

ELEONORA MENICUCCI

presidenta do Conselho
Curador da FPA



Sou uma das jurássicas fundadoras do PT. O surgimento do partido se confunde com minha trajetória: saí da prisão após três anos de luta contra a ditadura e me envolvi na construção do movimento feminista. O feminismo se entrelaça com o PT desde sua fundação, tanto que recentemente, lançamos o livro *Feminismo no PT*, contando essa história. Defendemos que não há democracia sem mulheres e sem a pauta feminista. Não existiu democracia no Brasil sem o PT. Como fundadora, vejo que a luta feminista e a resistência à ditadura moldaram sua identidade. Hoje, mais do que nunca, devemos fortalecer a resistência democrática. O PT tem capilaridade, produção intelectual e inclui todas as cores, raças, etnias e orientações sexuais. Seguimos juntas, pois o partido é sustentáculo da democracia no Brasil. Parabéns ao PT e a todas as mulheres que constroem essa luta.

Filiei-me ao PT logo após a primeira eleição do Lula, em 1989. A partir daí, vivi intensamente a construção do partido, sendo a primeira Secretária de Juventude e, depois, a primeira Secretária de Mulheres do PT Ceará eleita em encontros setoriais. Fui eleita presidenta do PT de Fortaleza e estadual do partido no Ceará. Desde então, fui a primeira vereadora e a mais votada do PT em Fortaleza, deputada estadual mais votada do Ceará, prefeita de Fortaleza eleita e reeleita no primeiro turno na capital cearense e, hoje, estou deputada federal. Durante toda esta história, que representam 36 anos de dedicação à construção partidária, sempre acreditei que o PT não era e nunca deveria ser um simples partido político. Sempre defendi e continuo defendendo que o PT é um instrumento de luta da classe trabalhadora brasileira e, como tal, deve seguir seu caminho, reafirmando seus valores fundantes, que é a construção de uma sociedade igualitária socialmente, humanamente diversa contra todas as formas de preconceitos e opressões, em comunhão com o meio ambiente e com o amor ao próximo. Com uma vivência solidária, companheira e fraterna.

LUIZIANNE LINS

deputada federal PT/CE



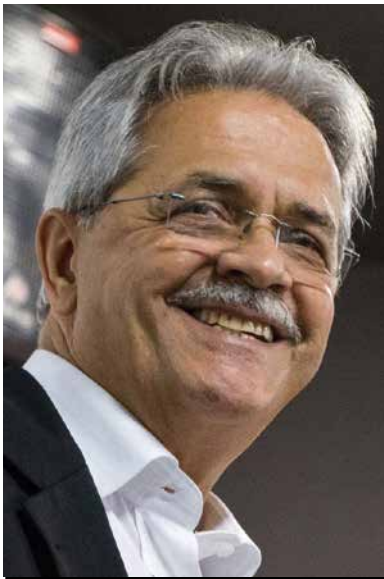
PAULO ROCHA

superintendente da Sudam

O PT é importante na minha vida, assim como eu e minha história de vida somos importantes para o PT. Faço parte deste processo. Saí da condição de operário gráfico e virei deputado federal, senador da República, e contribuí com as conquistas e mudanças que fazem parte da concepção de criação do PT, que é dar vez e voz aos trabalhadores do nosso país. Atendendo os que sempre foram excluídos das riquezas do Brasil, criamos a lei de anistia para os trabalhadores, lei de combate ao trabalho escravo, entre outras, e, por último, já no Senado, a lei que fortaleceu e reestruturou a cultura do nosso país, a lei Paulo Gustavo.

NILMÁRIO MIRANDA

ex-presidente da FPA, ex-ministro dos Direitos Humanos. É assessor especial de Defesa da Democracia, Memória e Verdade do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania



Em 1978, em Poços de Caldas (MG), no Encontro Nacional dos Metalúrgicos, ouvi de Lula e de Arlindo Ramos, que “até então, não existia partidos para os trabalhadores votarem. Chegou a hora de criar um partido feito pelos próprios trabalhadores, um PT”. Estava ali como jornalista do *Jornal dos Bairros*, que circulava na região proletária de Belo Horizonte.

Desde ali me tornei um militante do futuro PT. Nestes 45 anos, o PT mudou a história do país. Governa o Brasil pela quinta vez. Investiu na criação da CUT e da CMP. Dirigiu centenas de cidades, teve governos estaduais, milhares de vereadores, deputados, senadores. Criou a Fundação Perseu Abramo, que organiza a cultura democrática popular, que tive a honra de presidir. Hoje o PT enfrenta o desafio de derrotar, em 2026, o projeto da extrema direita e da direita. E continuar a construir o projeto de Nação que estabeleça a distribuição da renda, da riqueza, do saber e do poder, assim como a sustentabilidade ambiental, projeto para a humanidade.

Eu e o PT somos um “caso de amor.” Minha filiação é de 1980, portanto, desde a fundação do PT na Bahia. Meu primeiro e único partido. Devo meus três mandatos de deputada estadual, os quatro mandatos de prefeita, o de deputada federal e a vitória para vereadora em Salvador, ao PT. E sou grata ao Presidente Lula (que simboliza o PT) a tudo o que o povo brasileiro conquistou e que transformou, para melhor, a vida de milhões de famílias. Valeu a pena, nos anos 1980, sair pelos municípios mais distantes para dizer pro povo: O que é o PT. E hoje o PT é esse partido sólido, que resgatou a democracia no país e elegeu pela terceira vez o “Povo” para governar nossa nação. Através do PT e de Lula o povo subiu a rampa do Palácio do Planalto e fez ecoar o grito: “— ditadura NUNCA MAIS, DEMOCRACIA SEMPRE !”

MOEMA GRAMACHO

prefeita de
Lauro de Freitas/BA



MISA BOITO

membro do Diretório
Nacional do PT



A decisão de construir o PT não saiu de quatro paredes. Foi semeada no movimento da luta de classe, em especial nas greves dos metalúrgicos do ABC. Nasce também no bojo do movimento estudantil que saiu às ruas para gritar “abaixo a ditadura” e da luta dos camponeses por terra para nela trabalhar e viver. A vanguarda do movimento grevista do ABC concluiu que era preciso uma representação política independente, e, numa relação dialética entre as massas trabalhadoras e sua vanguarda, nasce o PT. Como diz seu Manifesto de Fundação, nasce porque os trabalhadores estão cansados de serem massa de manobra da burguesia. Que passo fundamental para construir a consciência de classe! O PT (inclusive no governo) se fortalece, dizendo claro e em bom, que ele se propõe como um instrumento de afirmação dos interesses da classe trabalhadora. 45 anos depois, nós biologicamente envelhecemos. Mas nossas ideias não! É por isso que 45 anos depois, lutamos para agir como o PT agia!



RAUL PONT

fundador do PT, membro do DN e ex-prefeito de Porto Alegre (RS)

Nesses 45 anos de história, o PT representa a mais importante experiência na construção de um partido de trabalhadores no Brasil. Um partido socialista que nasceu das lutas sociais afirmando em seu Manifesto que a ruptura com o subdesenvolvimento e a dependência ao imperialismo do nosso país, assim como a conquista de uma democracia plena, será obra dos trabalhadores da cidade e do campo ou não ocorrerá. Nosso papel histórico está longe de completar-se. Precisamos dar força orgânica, militante, consciente de um programa, de um projeto para o país às dezenas de milhões que votam em Lula e no simbolismo que isso significa mas que não se transforma em força orgânica nem presença semelhante nos Estados e municípios. Governo e partido, somos vítimas de ‘regras do jogo’ não democráticas. Nascemos e crescemos numa visão pluralista, não sectária, profundamente laicos e conscientes que não estamos sozinhos na defesa dos explorados e oprimidos. Por isso, defendemos a Unidade de Esquerda e com ela construindo uma alternativa comum ao capitalismo em sua forma atual de neoliberalismo, do rentismo financeiro que aumenta a exploração e a desigualdade social. Nesses 45 anos, de lutas, derrotas e tentativas de aniquilamento, fomos, somos e continuaremos sendo necessários para o povo brasileiro construir seu futuro.



MARTA RODRIGUES

vereadora PT/Salvador

Em mais de quatro décadas de história, o PT consolidou-se como a maior organização política do campo progressista no Brasil. E tenho muito orgulho de ser filiada e militante. No partido não há feminismo sem o socialismo, e o PT entrou na minha vida por meio dos diversos movimentos do movimento feminista, do movimento negro, dos movimentos sociais. E é daí que vem o meu entrelaçamento com este partido. Já fui presidenta do partido em Salvador (BA), com muita honra. Sou dirigente estadual, estou também vereadora, que é um desafio gigantesco. Então, a história de luta de um conjunto de vidas, de companheiras e de companheiros militantes, baseada em princípios e na luta também por uma sociedade mais humana, menos desigual.

Este partido que nos pauta constantemente na luta por democracia e justiça e participação na política e igualdade das mulheres no mundo do trabalho e na economia. Por isso que 45 anos de resistência, de insistência na luta também para a gente conquistar cada vez mais uma sociedade e sem esse preconceito contra a violência em si, o patriarcado, o racismo e a exploração que nós vivenciamos no dia a dia.

Viva os 45 anos do Partido das Trabalhadoras e dos Trabalhadores. Vida longa.



FERNANDO HADDAD

ministro da Fazenda

O PT é o mais importante partido progressista da história do Brasil desde a redemocratização. Não há paralelo na nossa história de um partido tão longevo e tão bem sucedido quanto o PT. Enfrenta as adversidades e as supera em função de um apoio popular inédito, que tem como seu principal líder uma figura épica, o presidente Lula. É uma conjunção de fatores que dá sustentabilidade às pretensões do PT de mudar o país para melhor, atendendo quem ficou desprovido durante décadas de direitos fundamentais e um exemplo inclusivo para a América Latina. É um exemplo para um mundo tão carente de ideias progressistas e emancipatórias. E o PT, pelo exemplo prático que dá, é um dos elementos que deve ser levado em consideração para que uma força teórica nova e inspiradora surja no horizonte próximo, para que possamos resgatar sonhos mais ousados de dias melhores. Vida longa ao PT.



LUIZ DULCI

ex-ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República durante os oito anos de governo Lula.

O PT foi criado para que as classes populares tivessem o seu próprio partido na defesa de seus interesses imediatos e históricos. Desde o início, o PT promoveu um vasto processo de inclusão política, incentivando a auto-organização popular. Funcionou e funciona, como diria o nosso querido Paulo Freire, como uma admirável escola de cidadania ativa, rompendo com os limites de classe da democracia brasileira. Essa incorporação das classes populares à vida política foi decisiva para que o PT e as esquerdas se tornassem um dos polos centrais de poder no país, não obstante as reiteradas tentativas de destruir pela violência política e o golpismo nosso projeto e nosso legado de emancipação social.

FRANCISCO ROCHA DA SILVA, O ROCHINHA



No próximo dia 10 de fevereiro, o Partido dos Trabalhadores completa 45 anos da sua existência. E fevereiro de 1981 um grande número de brasileiros, intelectuais, trabalhadores, negros, mulheres e estudantes lançaram esse projeto de esquerda para o Brasil. Foi um feito fundamental na história da América Latina e até do mundo. E não é nada fácil num país como o Brasil ou a América Latina, com a sua cultura conservadora na política, lançar um projeto político de esquerda e segurar esse projeto durante 45 anos. Um projeto que trouxe para a vida política partidária centenas de milhões de figuras anônimas por esse Brasil afora, desde as grandes capitais, do chão de fábrica até os pequenos municípios. Esse projeto avançou, se consolidou e foi o meio que nós conseguimos para levar um operário à Presidência da República por três eleições. O ex-operário se chama Luiz Inácio Lula da Silva, o companheiro Lula, e uma mulher, Dilma Rousseff, como presidenta do Brasil, outro fato raro, histórico na América Latina. Portanto, me sinto muito feliz em ter sido um dos primeiros filiados e fundador deste projeto excepcional da esquerda brasileira.

JANDYRA UEHARA ALVES

DN do PT, executiva nacional da CUT



Entre um grande passado e as perspectivas de um futuro que alcance os seus objetivos originais, temos um presente complexo e de grandes desafios e dificuldades. A principal tarefa é reconquistar a confiança dos trabalhadores e das trabalhadoras, mantendo uma conexão sólida e permanente com o cotidiano da vida da classe. Isso inclui vincular a organização e a mobilização partidária às lutas por salários mais justos, redução da jornada, recuperação de direitos, igualdade de gênero e racial e acesso a serviços públicos de qualidade. É preciso conectar as lutas cotidianas a um projeto coletivo capaz de inspirar a classe trabalhadora e colocá-la em movimento numa perspectiva socialista. Em resumo, muita presença no cotidiano da classe, em suas lutas, e muito esforço para elevar o nosso horizonte programático. Vida longa ao PT de massas, de lutas, revolucionário e socialista.

Carlito Maia, o rebelde que mandava flores

Henrique Nunes, jornalista,
escritor, integra a equipe FPA

**A história do
publicitário que criou
alguns dos lemas
mais emblemáticos
da história do Partido
dos Trabalhadores**

Crédito: Roberto Parizotti

Tente descrever a figura de um rebelde. Coturno, jaleco verde-musgo e uma insinuante boina bolchevique? Ora, para quem sabe o que é rebeldia, qualquer traje pode ser ultrajante. É o caso do mineiro Carlito Maia. O corpo franzino, as roupas carregadas de formalidade e os óculos fundos na ponta do nariz nada dizem sobre o homem “que quebrava muros, não com cabeçadas, mas com frases de efeito”, como alguém tentou defini-lo certa vez. Tentou porque, é bom que se diga, Carlito Maia sempre foi inclassificável. O que dizer, por exemplo, do fato de o maior rebelde que a publicidade brasileira já produziu, autor de alguns dos lemas mais emblemáticos da política nacional, ter o hábito de enviar flores para quem tinha na mais alta conta? Ou do homem carismático, sorridente e pacifista que, insatisfeito com o que acontecia no país, comprou uma

briga gigantesca ao se juntar àqueles que fundaram o maior partido de esquerda da América Latina?

Carlito Maia e o PT

A luta de Carlito Maia é a cara do Partido dos Trabalhadores. Prova disso é que, logo após a fundação da legenda, em 1980, o publicitário já daria mostras de sua criatividade ao criar o slogan “OPTei”, uma de suas ideias mais célebres.

A frase, vista até hoje em camisetas, bonés, bottons, adesivos e em posts nas redes sociais, acabou por se tornar um grande manifesto pela democracia. O ano era 1982 e o país ainda vivia a expectativa das primeiras eleições diretas. Carlito optou pelo PT. “No PT ninguém é melhor do que ninguém. Nos outros “partidos” há líderes - como é sabido, líderes dão as costas aos liderados, eles na frente, o rebanho atrás. No PT não: só temos companheiros, irmãos de fé. Lutando



lado a lado, ombro a ombro. Sem medo de ser feliz”, escreveu Carlito, já consagrado por campanhas históricas. Em suma, pode-se recorrer ao que ele sempre disse para explicar a sua relação com o PT: “Não precisamos de muita coisa; apenas uns dos outros”. Quer coisa mais petista do que isso? A relação PT-Carlito Maia teve seu ápice em 1989, durante a campanha de Lula à Presidência. Foi naquele ano que surgiu o maior hit da história política brasileira, o clássico por excelência “Lula lá”. Embora apaixonado pela luta da sigla, nunca chegou a se filiar ao partido.

A frase da campanha, que marcou gerações de luta, virou música e ainda embala qualquer ato petista realizado Brasil afora, também está presente em toda sorte de material gráfico que remeta ao presidente Lula e ao partido.

É inevitável pensar como duas pequenas palavras, nascidas com a ajuda de papel e tinta, ainda tenham tanta força de mobilização quanto “Lula lá”. É a rebeldia de Carlito Maia sempre a serviço do país.

Mas nem só de rebeldia vivia o poeta - sim, um poeta da comunicação. Conhecido por cativar todos ao seu redor, Carlito também deixou legado longe dos holofotes. “Foi o primeiro que conseguiu unir a cultura, a batalha de ideias com a luta de classes”, declarou o economista João Pedro Stédile, membro da liderança nacional do MST “Se a gente pega o Brasil de hoje

que ninguém fala com ninguém, dessa polarização, Carlito Maia era o contrário e as flores eram um grande símbolo disso”, rememora o jornalista Ricardo Kotscho. Ambos aparecem no documentário “Um criador infernal”, lançado em comemoração aos 100 anos de nascimento do publicitário, produzido pela TV Cultura em 2024.

Luta pioneira

Para além da política partidária e eleitoral, Carlito também foi o criador de campanhas de lutas sociais. Como, por exemplo, a série de cartazes de uma das primeiras campanhas contra, na época, a homofobia, e pela desassociação desse público ao surgimento da Aids/HIV.

A iniciativa foi tão impactante que pode ser utilizada hoje, 40 anos depois.

Foi dele também a ideia da camiseta oficial criada para a “Marcha dos 100 mil”, ato realizado por movimentos sociais em 1997 em protesto contra o desgoverno FHC.

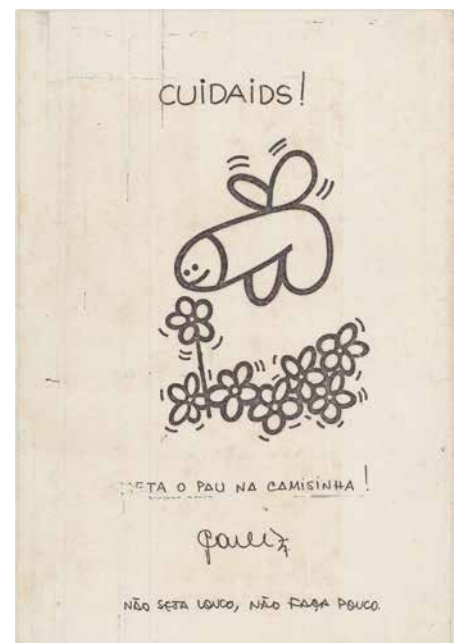
Seu nome, segundo nota que o PT publicou em sua homenagem, “tomou-se sinônimo de decência, dignidade, defesa das minorias e virou prêmio: o troféu Carlito Maia agracia pessoas e instituições que se destacam na defesa dos direitos humanos”.

No dia 22 de junho de 2002, poucos meses antes de Lula ser eleito pela primeira vez, Carlito Maia se transformaria definitivamente numa ideia. “A impressão que se tem é que

um pássaro abriu as asas e voou, foi levado pelo vento, e naturalmente deixa aquilo que os homens que valem alguma coisa deixam: a memória e a impressão dos que ficaram, de que ele continua realmente vivo”, escreveu o crítico literário Antonio Candido naquela data. “Símbolo da cidadania, Carlito Maia morre aos 78 anos em São Paulo”, anunciou um dos principais jornais do país na data.

Para Tereza Rodrigues, a eterna companheira, Carlito Maia era uma “pessoa livre, que não aceitava nenhum tipo de amarra, mas sua militância era muito digna, ética, séria, inabalável.” Um rebelde, portanto. Carlito era irmão de Dulce Maia, a primeira mulher da guerrilha presa e a primeira exilada a retornar após a Lei de Anistia.

Carlito Maia jamais deixará de existir. Lá, aqui, ou em qualquer lugar.



Estrelas que se uniram para a formação e trajetória do PT e agora brilham em constelação lá em cima!

ABDIAS JOSÉ DOS SANTOS ADÃO PRETTO ★ ALIPIO RAIMUNDO VIANA FREIRE ★ ANGELA BORBA
★ ANNETE SCOTTI RABELO ANTONIO CANDIDO DE MELLO E SOUZA ANTÔNIO CARLOS DE ANDRADE
ANTONIO MENTOR DE MELLO SOBRINHO APOLÔNIO DE CARVALHO ARMANDO SOBRAL ROLLEMBERG
ATHOS PEREIRA ★ AVELINO GANZER BENONI ALENCAR PEREIRA BRUNO MARANHÃO CARLITO MAIA
CARLOS WILSON CELSO DANIEL ★ CHICO MENDES CLOVES CASTRO CLOVIS CARNEIRO DE OLIVEIRA
CLOVIS ILGENFRITZ DA SILVA DAVID CAPISTRANO DÉA RIBEIRO FENELON DOMINGOS DE FREITAS DINIZ
DORCELINA FOLADOR EDER SADER EDÉSIO FRANCO PASSOS ELISABETH SOUSA-LOBO EDGAR CIPOLLI
★ ELIZATETH GOMES LIMA EMMANUEL JOSÉ APPEL ENID DIVA MARX BACKES ★ EURICO NATAL
ERICO VANNUCCI MENDES FABIO ANTONIO MUNHOZ FLÁVIO FURTADO DE ANDRADE GILSON MENEZES
FLORESTAN FERNANDES ★ FLAVIO JORGE RODRIGUES DA SILVA FRANCISCO CORRÊA WEFFORT ★
GUSTAVO CODAS HELENA GRECO ★ HÉLIO BICUDO HENRIQUE DE SOUZA FILHO JACOB GORENDER
JACÓ BITTAR JAIRO GRAMINHO DE OLIVEIRA JOANA D'ARC BIZZOTTO LOPES ★ JOÃO GOMES FILHO
JOÃO ORLANDO DUARTE DA CUNHA ★ JOÃO PAULO PIRES JORGE BATISTA FILHO JOSE CICOTE ★
JOSÉ EDUARDO DUTRA ★ JOSE IBRAHIM ★ JOSÉ MARIA CRISPIM ★ JOSÉ MESQUISTA (BOLA)
★ JOSÉ MENTOR GUILHERME NETTO JOSEPHINA BACARIÇA ★ JOSÉ ROBERTO DE ALENCAR E SILVA
JOSÉ SEVERINO DE PAULA LUIZ ALBERTO JULIO DE GRAMMONT LELIA ABRAMO ★ LÉLIA GONZALEZ
LUIZ GUSHIKEN LUIZ ANTÔNIO CHEDIGO CECHINEL ★ LUIZ DE GONZAGA TRAVASSOS LUIZ SALVADOR
LUIZ EDUARDO TRAVASSOS DO CARMO ★ LURDINHA RODRIGUES MANOEL CONCEIÇÃO SANTOS ★
MARCELO ARRUDA MARCELO DÉDA MARCO AURÉLIO GARCIA ★ MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES
MARIO PEDROSA ★ MARISA LETÍCIA ★ NALU FARIA ★ MAURO DAISSON OTERO GOULART ★
MILTON DE FREITAS CARVALHO NANI STUART ★ OTAVIANO CARVALHO ★ PAUL ISRAEL SINGER
★ PAULO VINICIUS BAPTISTA DA SILVA PAULO REGLUS NEVES FREIRE PEDRO GARCIA CARLETTI
PERSEU ABRAMO PLINIO DE ARRUDA SAMPAIO PLINIO GOMES DE MELLO REGINA STELLA MOREIRA PIRES
REGINALDO MORAES ★ ROBERTO ELIAS SALOMÃO ROBERTO SATURNINO BRAGA ROQUE VITOR BARBIERI
★ ROSÂNGELA RIGO SANDRA STARLING DE AZEVEDO SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA SÉRGIO MAMBERTI
SÓCRATES BRASILEIRO ★ TILDEN JOSÉ SANTIAGO ★ VINICIUS JOSE NOGUEIRA CALDEIRA BRANT
★ TONINHO DO PT ★ WAGNER ALVES BENEVIDES ★ WILLIAM AGUIAR ★ WILSON PINHEIRO
★ WLADIMIR POMAR ★ ZILAH ABRAMO ★★ ★★ ★★ ★★ ★★ ★★ ★★ ★★ ★★

"E outros tantos companheiros e companheiras que contribuíram com o PT em todo o Brasil..."

EFPA: uma editora que contribui com a luta!

A Editora Fundação Perseu Abramo foi criada em 1997 e logo contou com o professor Antonio Candido na presidência de seu primeiro conselho editorial

A editora se destaca, por quase três décadas, entre aquelas comprometidas com a formação e a pesquisa, reunindo centenas de autores e autoras em obras importantes na disputa de ideias e conhecimento sobre o Brasil e o mundo.

Tem espaço cativo e consolidado entre militantes, pesquisadores, estudantes e educadores interessados na cultura política socialista e democrática. Oferece gratuitamente livros na versão eletrônica, promove parcerias com outras editoras do campo progressista e potencializa a função social do livro. A biblioteca virtual da editora, presente no portal da FPA, disponibiliza centenas de livros para download gratuito no QR Code presente nesta página. Foram inúmeras as publicações que resgatam as lutas dos trabalhadores e trabalhadoras do Brasil que sedimentaram a criação do PT. Como contribuição para o aniversário de 45 anos do partido lançamos as “Resoluções de Encontros, Congressos e Programas de Governo”; e “Feminismo e o

PT”, ambos registros de lutas históricas e de construção de um partido e de um país melhor, com inclusão e igualdade.



Visite nossa biblioteca virtual e baixe seu livro!



A trajetória da preferência partidária do PT

Matheus Tancredo Toledo

Cientista político e coordenador do Núcleo de Opinião Pública, Pesquisas e Estudos da Fundação Perseu Abramo.

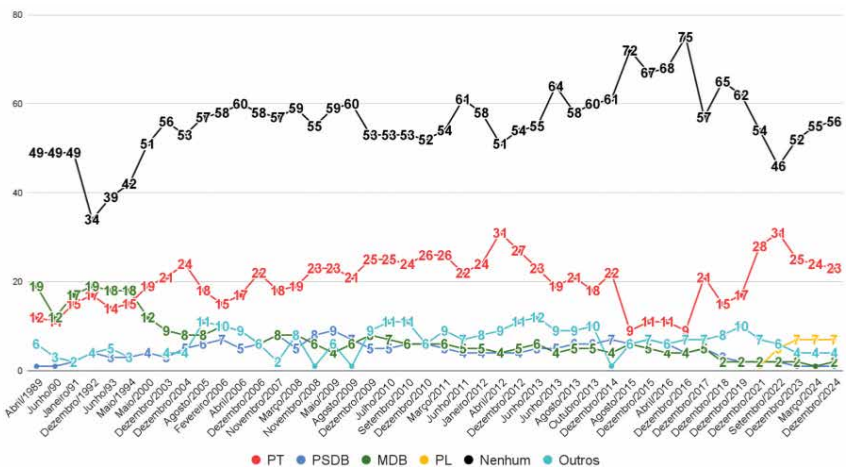
A série histórica do instituto Datafolha sobre preferência partidária se inicia em abril de 1989 – ano da primeira eleição presidencial direta da redemocratização brasileira. Na primeira pesquisa registrada, o PT, à época prestes a completar 10 anos de fundação, era preferido por 12% da população do país. Hoje o PT tem a preferência de 23% da população – patamar sólido que se verifica desde o início dos anos 2000. Desde o início da série, partidos vieram e se foram na preferência do eleitorado, como o MDB, o PSDB e mais recentemente o PL. Mas é o PT, mesmo em seus momentos mais críticos (como na crise do impeachment em 2015 e 2016, que levou a preferência ao PT ao patamar mínimo histórico de 9%), que manteve relevância sólida no imaginário dos brasileiros e das brasileiras.

O PT figurou como primeiro ou segundo colocado de todas as eleições presidenciais desde 1989 e elegeu candidatos e candidatas a todos os cargos eletivos do país. Tal quadro resulta de um fato consolidado da política nacional e dos números obtidos de pesquisas de opinião das últimas 5 décadas: em um quadro histórico de baixa preferência partidária, o Partido

dos Trabalhadores foge à regra geral e é o principal partido no imaginário dos brasileiros e das brasileiras.

As transformações na sociedade são desafios para o partido no próximo período, para manter e ampliar seu protagonismo. A ascensão de uma extrema direita gerou um novo tipo de adversário para o campo democrático popular. Os trabalhadores organizados foram estopim para a criação do PT, foram impactados por um processo de desindustrialização e de

Novas formas de trabalho, como o de empresas por empresas por aplicativos e plataformas digitais, desafiam as compreensões tradicionais sobre as classes trabalhadoras. Há novas e velhas demandas por direitos, proteção social, melhores condições de trabalho, potencial para disputar valores e organizar as massas de trabalhadores em novas formas de organização coletiva. Acompanhar tais transformações da sociedade brasileira e seus impactos nos valores e percepções de parcelas do povo brasileiro sobre a realidade é um dos papéis do NOPPE, em sua agenda de estudos e pesquisas. Destacamos trabalhos recentes que buscaram compreender as demandas e a situação das classes trabalhadoras



complexificação das relações de trabalho. Milhões ascenderam socialmente durante os governos do PT, quando deixaram de ser relegados a “cidadãos de segunda classe”, como denunciou o Manifesto de Fundação do PT.

(em pesquisas já publicadas no site da FPA), das mulheres brasileiras (em pesquisa a ser publicada), o comportamento eleitoral, valores, percepções e a cultura política dos brasileiros e brasileiras.

Confira a pesquisa “As Classes Trabalhadoras” realizada pelo CASB e pelo NOPPE



Confira as pesquisas mais recentes publicadas pelo NOPPE:



Presidências do Partido dos Trabalhadores



LUIZ INÁCIO DA SILVA
1980 a 1986 – 1990 a 1993



OLÍVIO DUTRA
1986 a 1987



LUIZ GUSHIKEN
1987 a 1988



JOSÉ DIRCEU
1994 a 2002



JOSÉ GENOINO
2003 a 2005



TARSO GENRO
2006



MARCO AURÉLIO GARCIA
2006 a 2007



RICARDO BERZOINI
2006 a 2010



JOSÉ EDUARDO DUTRA
2010 a 2011



RUI FALCÃO
2011 a 2016



GLEISI HOFFMANN
desde 2017



Por um projeto de Brasil que mobilize e encante a sociedade

Por Paulo Okamoto

Presidente da Fundação Perseu Abramo

Os textos a seguir têm o papel de apoiar nossos dirigentes e militantes para aprimorar a leitura da realidade brasileira e a elaboração de propostas do partido que estejam conectadas e que respondam as necessidades reais do povo.

Também têm a função de estimular o estudo, visto que quem não estuda não tem argumento para disputar a opinião pública e, cá entre nós, a esquerda tem estudado e refletido aquém das

nossas necessidades. Extraídos e editados por Paulo Vannuchi a partir das apresentações dos nossos dezoito palestrantes convidados para o Seminário “A realidade brasileira e os desafios do Partido dos Trabalhadores” realizado nos dias 6 e 7 de dezembro de 2024, em Brasília, e que contou com a participação de mais de 1.500 pessoas, buscamos sintetizar os

principais elementos para que a discussão possa ser continuada nos estados e sobre outros assuntos que não couberam na programação do evento presencial. Também foram realizados encontros preparatórios em formato híbrido o que possibilitou a participação de mais de 2.000 pessoas. Para dar o pontapé inicial e fazer a atualização de nossa leitura sobre os problemas e possíveis soluções, selecionamos quatro temas que se conectam a outros e que são caros para o Partido dos Trabalhadores. São eles: 1) o contexto internacional em que estamos inseridos; 2) as mudanças na realidade nacio-



nal; 3) a classe trabalhadora hoje e suas necessidades, 4) os desafios da comunicação e as formas de sociabilidade. Como você poderá verificar, nas próximas páginas há muita informação sobre as transformações que estamos vivendo. Como citou o professor Fiori “estamos sentados sobre um vulcão, em um sistema mundial estraçalhado, em processo de fragmentação”. Também temos algumas pistas para enfrentar problemas que têm dificultado disputar a opinião pública como a dica da Olga Curado que aponta a necessidade de ser concreto na comunicação. “É necessário trabalhar [na comunicação] do

presente para o futuro. O passado é muito bom, mas passou. E temos mania de começar contando aquela história daquele tempo atrás. Temos que ser concreto”, disse Olga. Outro indício importante que a nossa jovem deputada de Porto Alegre, Laura Sito, nos chama a atenção é que “os problemas de comunicação costumam ser abordados como problemas do domínio da tecnologia. Mas, na verdade, sempre demonstram as insuficiências da política.” Concordo com a Laura e acredito que resolvendo ou, pelo menos tendo clareza sobre nossos objetivos, saberemos quais são os esforços que te-

mos que fazer, em qual direção e sentido político. Todo esse conhecimento é necessário para que a gente possa construir um programa capaz de encantar a sociedade no presente e no futuro. Esta é uma tarefa urgente e necessária para fazermos com que o Partido dos Trabalhadores continue sendo essencial para a construção do socialismo. Espero que esses subsídios possam auxiliar na continuidade do debate nos estados e sobre outros temas que são essenciais para a elaboração de um robusto programa capaz de animar a nossa militância e mobilizar a opinião pública. Boa leitura e bom trabalho.

Realidade brasileira e os desafios do Partido dos Trabalhadores

Esse tema foi o que motivou a realização da atividade, encomendada antes mesmo de acabar o processo das eleições municipais pelo Diretório Nacional do nosso partido à Fundação Perseu Abramo

Durante as eleições nossas lideranças foram à campo em todo território nacional para eleger os candidatos às prefeituras e vereadores e tiveram a oportunidade de dialogar com o povo e perceber a necessidade de atualizar as nossas propostas a partir do entendimento comum que temos da realidade, os principais problemas e as soluções para assuntos que tiram o sono da maioria da sociedade brasileira.

Foi para esse objetivo que convidamos um time de especialistas que trouxeram elementos tão diversos quanto o Brasil. A exposição de Marcio Pochmann chama atenção para as mudanças de nossa época, como a aceleração do tempo presente e novo regime demográfico no país; a pre-

feita de Juiz de Fora, Margarida Salomão, aponta a importância de fazer políticas públicas nas cidades e manter a esperança; André Singer traz dados sobre a aprovação do governo Lula 3 e

as eleições municipais; a vereadora do PT e secretária de meio ambiente do Rio de Janeiro, Tainá de Paula reflete acerca do papel do PT para propor soluções sobre o tema ambiental nas

cidades e Sinhara Garcia faz um testemunho sobre a realidade dos evangélicos baseado em sua experiência militante em Fortaleza.



Marcio Pochmann: “estamos vivendo a maior transformação dos últimos 500 anos”

É preciso olhar a realidade brasileira como uma mudança de época, inflexão histórica. A realidade deste primeiro quarto de século 21 mostra uma alteração profunda na trajetória do Brasil.

Mudança de época pode ser entendida como aceleração do tempo presente. Momento especial da história de uma determinada civilização ou dos povos. O Brasil percorreu poucos momentos de inflexão histórica. O que ocorre agora pode ser comparado com outros momentos, como a década 1880, quando o país, mercanti-

lista, monarquista, com quase quatro séculos de escravidão, fez de certa maneira uma transição para a sociedade capitalista, estabelecendo uma nova estrutura de classes sociais. Outro momento que caracteriza inflexão histórica foi a revolução de 1930. Para muitos historiadores, não se trataria de uma revolução. Mas Getúlio abandonou o padrão libra-ouro, equivalente ao que seria Lula abandonar hoje o padrão dólar. Foi feita na época uma auditoria da dívida. Os ganhos dos cafeicultores foram impactados, ocorrendo também uma centralização da moeda, quan-

do hoje impera no Brasil o livre fluxo de capitais.

Começa a ser rompido o pacto agrário que prevaleceu até os anos 1920. O Brasil era ainda um país muito primitivo. As mulheres, por exemplo, não podiam ter a presença que é possível hoje neste encontro nosso. As mulheres viviam em média 34 anos, chegavam a ter de 10 a 15 filhos. Qual a possibilidade de a mulher ter uma participação ativa numa sociedade machista como era o Brasil?

A transformação que se inicia em 1930 corresponde a um novo projeto urbano-industrial.

O programa liderado por Osvaldo Aranha dizia claramente que o Brasil era um país capitalista e, portanto, tem de haver lucro. Mas para ser legitimado, o lucro tem de pagar imposto. E ainda hoje o lucro não paga imposto no Brasil. Esse programa de 1930 afirmava que a propriedade privada é a base do capitalismo, mas já colocava a necessidade de que ela exercesse função social. E ainda hoje possuímos a segunda maior concentração de terras no mundo, só perdendo para o Paraguai.

Em momentos históricos como esses mencionados, as gerações passadas disputaram numa correlação de forças que resultou no Brasil que temos hoje. Mas foram mudanças de época. E agora, quais os desafios

para o Brasil e para o Partido dos Trabalhadores no segundo quarto do século 21?

O primeiro é que estamos vivendo a maior transformação dos últimos 500 anos, com deslocamento do centro do mundo do Ocidente para o Oriente. Hoje, 70% do dinamismo econômico mundial vem dos países chamados Sul Global. O Brasil não pode ter mais como referência a Europa, como ocorreu no passado. Temos de olhar para onde está o dinamismo hoje. Até agora, nosso país olhou o Atlântico como sua referência de comércio. Mas, desde 2009, a principal referência já é o Pacífico. Isso significa o quê? Em primeiro lugar, reconhecer que nos últimos 500 anos a população se concentrou numa faixa de 200 quilômetros

ao longo do Atlântico, onde vivem 70% dos brasileiros. Mas isso vem mudando.

Está em curso a integração sul-americana, com um conjunto enorme de iniciativas no âmbito de ferrovias, rodovias e hidrovias que nos conectam com o Pacífico. Isso está mudando o eixo do Brasil. Nasce uma nova geoeconomia. No passado, as regiões mais dinâmicas estavam na faixa litorânea, centro de nossa indústria, locais dos principais empregos. Hoje, essas regiões mostram um crescimento do PIB em torno de 2%, enquanto algumas regiões crescem 6% ou 7%, quase uma China. É o caso de regiões no interior de São Paulo, interior do Paraná, um pouco de Santa Catarina, subindo pelo Centro-Oeste até o Norte. São regiões



cada vez mais conectadas com o exterior.

Na faixa litorânea que abriga 70% da população registra-se baixo dinamismo, concentração de pessoas desempregadas, moradores de rua, remuneração vinculada a atividades de baixa produtividade, amplo crescimento do fanatismo religioso e do bandidismo.

É um outro Brasil que vem se configurando. E que propostas temos para responder a essa mudança? Vamos reproduzir o padrão de urbanização que aconteceu até agora nas regiões litorâneas, nessas novas regiões mais dinâmicas? Vamos manter nossa visão eurocêntrica? A Inglaterra teve papel importante na economia brasileira, depois de Portugal. Desde 1920, os Estados Unidos foram se tornando o principal parceiro comercial. Mas, desde 2009, a China tornou-se nosso principal parceiro comercial. E não se trata apenas do comércio com a China. Há também crescimento do investimento chinês aqui. O que temos a dizer, então, diante dessa mudança de centro dinâmico do Ocidente para o Oriente? Qual é a posição do Brasil em relação a isso?

Outro ponto importante que cabe registrar é o novo regime demográfico do país. O Brasil sempre foi um país de forte crescimento populacional. No século 19, a população foi multiplicada por cinco vezes. No século 20, multiplicada por dez. Mas as projeções indicam que a partir de 2040 a população

Estamos vivendo a maior transformação dos últimos 500 anos, com deslocamento do centro do mundo do Ocidente para o Oriente.

deve estagnar e apresentar uma trajetória de queda, chegando no ano 2100 a uma população menor que a do ano 2000. Isso significa um processo de redução drástica no número de crianças. Há uma queda acentuada na taxa de fecundidade. As mulheres estão tendo menos filhos. É uma questão ideológica, econômica, ausência de política pública? Estamos satisfeitos em ter uma população de 234 milhões de habitantes, num país que poderia ter 400 milhões pela sua dimensão continental? A população acima de 60 anos já é maior do que a população juvenil. A expectativa média de vida já é 76 anos e deve subir. Essa alteração demográfica nos faz pensar a questão educacional. Que tipo de formação se deve adotar, uma vez que o número de crianças será cada vez menor? Teremos mais pessoas com mais idade. Devemos pensar em escola para toda a vida, por exemplo? Prefeitos do Brasil, sem esse debate nacional, estão optando por fechar escolas. Somos o país que mais fecha escolas no mundo. Foram

50.000 escolas fechadas, sobretudo na zona rural. Diante da pressão fiscal, fecha escolas, concentra em escolas maiores, reproduz o modelo educacional de sempre. Seria o caso de planejar escolas menores, com ensino integral?

A terceira mudança fundamental em curso é a entrada do Antropoceno, o novo regime climático. Os relatórios demonstram que a temperatura continua subindo no planeta e já chegamos a um ponto sem retorno, convivendo com uma temperatura maior, degelo nas calotas polares e elevação do nível do mar. Temos no Brasil um estudo sobre as principais cidades que podem desaparecer, pelo menos parcialmente? Que parte do Recife vai sobreviver e qual parte de Copacabana vai se manter? Como olhar o Brasil a partir das diferenças entre seus biomas?

O quarto e último ponto é a transição da chamada era industrial para uma era digital, a transformação digital das nossas vidas, do nosso modo de pensar, de trabalhar, de lazer e de se relacionar. Não estamos falando apenas de uma mudança tecnológica, mas de novos aspectos que envolvem a condição da presença e das conexões ou hiper conexões. Essa nova realidade está sendo dominada cada vez mais por grandes monopólios externos. O Brasil, infelizmente, não conta com soberania de dados.

O Brasil precisa ter soberania porque não é admissível que uma grande empresa, fora do Brasil, tenha mais dados sobre nós do que o IBGE; e que o presidente dessa empresa tenha mais informações que nosso presidente da República. Tudo isso interfere em nosso modo de pensar. A concentração dessas Big Techs está abrindo uma fase que pode se assemelhar ao que ocorreu na Idade Média, com o obscurantismo que permaneceu entre os séculos V e XV, quando os mosteiros católicos armazenavam toda informação e o restante da população era completamente analfabeta, como mostra o filme ou o livro “O nome da rosa”.

Outro problema sério é o não letramento digital. Vamos ao buscador atrás de uma informação e a resposta que obtengo já vem em sintonia com o meu perfil ali armazenado. Se a Monica Valente e eu fizermos a mesma pergunta, podem vir respostas diferentes. Estamos entrando em um novo tipo de subdesenvolvimento. Oferecemos nossos dados brutos e essas grandes empresas operam, dilapidam esses dados e nos devolvem na forma de um modelo de negócios que decide sobre nossas vidas. A questão dramática da digitalização é fundamental porque ela traz desafios e riscos, mas também oportunidades. A forma como o

conhecimento é repassado, hoje, pode resultar num monopólio mundial das informações. Isso é gravíssimo do ponto de vista da democracia, da liberdade de escolha, dos valores fundamentais. Poucas gerações, como a nossa, viveram uma mudança de época tão nítida, com os desafios e as oportunidades de decidir sobre nosso futuro, disputando nosso futuro. Estamos aqui apresentando ideias. As ideias são como o leme de um barco. Só com o leme, não funciona. O barco precisa ter velas e essas velas são um movimento para transformar a realidade. O PT é o partido que tem as velas para fazer mover a grande transformação do Brasil.

Margarida Salomão: “Temos de ampliar a nossa capacidade de dialogar”



Quero saudar a redução da pobreza e da extrema pobreza, anunciada esta semana. Quase 9 milhões de pessoas deixaram a pobreza e mais de 3 milhões

deixaram a extrema pobreza de 2022 para 2023, graças ao aquecimento do mercado de trabalho e ao aumento dos benefícios sociais como o Bolsa Família. São avanços inestimá-

veis que ocorrem quando o PT governa.

Recebi como prefeita um coletivo de pastoras que tratam de uma rede informal de segurança e cuidados para as mulheres. Uma delas contou que, quando pequena, o pai mandava andar de quatro na feira, debaixo das bancadas, para pegar comida. E que agora as pessoas não precisam mais fazer isso graças ao Bolsa Família, que é marca do PT.

A pobreza diminui, mas permanece e segue tendo cor, gênero e endereço. Faço essa afirmação num momento que mostra com rara claridade o antago-

nismo entre nossa agenda de justiça social e a agenda da austeridade fiscal, eufemisticamente designada como equilíbrio fiscal.

Estamos vivendo um processo de tensão máxima para decidir sobre políticas fiscais que são necessárias, inadiáveis, mas sem sacrificar aquilo que levou à fundação do PT, ao seu crescimento e consolidação. É o problema do conflito distributivo em nosso país.

Em 2021, meu primeiro mandato, tivemos de derrotar no primeiro semestre quatro pedidos de impeachment. Quando somos governo, governamos praticamente sitiados. Não basta ganhar a eleição. Tenho de continuar ganhando todos os dias, todos os meses, num processo infinito de revalidação e legitimação do mandato. As forças conservadoras nos tratam como invasores, como se governar fosse prerrogativa deles. Ao mesmo tempo, temos necessidades imperativas de construir a governabilidade porque quando a gente sai, os

direitos sociais recuam, como ocorreu com Temer e Bolsonaro. E o Brasil volta ao mapa da fome. Assim, temos o dever ético de continuar a governar e ganhar a eleição de 2026.

Não escolhemos isso. Essa é a circunstância de quem nada contra a maré. Tivemos agora eleições municipais e não tenho delas uma visão catastrofista. O governo das cidades é um tema que tem de juntar-se às várias questões apresentadas pelo Pochmann. É nas cidades que as pessoas envelhecem, é nas cidades que procuram por saúde. É nas cidades que você vive os episódios climáticos, que levam à desocupação de casas.

É nas cidades que moram, hoje, 87% da população brasileira, segundo o IBGE. Em 2030 serão 91%. Então, é nas cidades que devemos propor e aplicar nossas políticas públicas. Mas os municípios são os primos pobres da Federação. Não só pela distribuição de recursos, mas porque faltam ali a armadura institucional, as ferramentas necessárias para fazer

Estamos vivendo um processo de tensão máxima para decidir sobre políticas fiscais que são necessárias, inadiáveis, mas sem sacrificar aquilo que levou à fundação do PT, ao seu crescimento e consolidação.

frente à demanda que está lá. Bolsa Família é uma assinatura da nossa intervenção na história recente no Brasil. Também a ampliação do acesso à Universidade e mudança na composição social do alunado universitário. O Pé de Meia é uma grande sacada. Mas nas cidades precisamos de uma assinatura na área da mobilidade urbana, precisamos reduzir as tarifas, precisamos da tarifa zero para democratizar o acesso ao transporte. Mas sozinho o município não tem dinheiro para isso. Tem de haver uma pactuação federativa, juntando recursos da União, do estado e também do município. Em Juiz de Fora (MG), com a pequena mudança de colocar ônibus de graça no domingo, mudamos a dinâmica da cidade fortemente. As pessoas dizem: agora a família inteira pode ir à igreja, pode ir até duas vezes por dia. É ótimo.



Também pode ir para o campo de futebol, ao parque, andar na rua e ir ao barzinho, pode ir aonde quiser. As pessoas não vivem só para trabalhar e o vale transporte não pode existir só para o trabalho.

Avanços dessas políticas públicas no município representam uma grande chance de reabilitação do Estado como agente social relevante, uma recuperação da confiança das pessoas na política como meio de alterar positivamente suas vidas. Portanto, o êxito das políticas públicas na ponta, hoje, formuladas com participação popular, constitui uma forma de defender a democracia, que corre sérios riscos e está sob ataque no Brasil.

Como linguista, aprendi muito sobre a universalidade da

diversidade humana. O mundo possui 7.111 línguas reconhecidas. No Brasil são faladas 230 línguas. Faz parte de nós, do legado da espécie, nascer preparado para aprender a falar e diversificar sua capacidade comunicativa. Uma criança de um ano, num ambiente plurilíngue, como no território indígena, aprende a falar fluentemente duas ou três línguas. Eu pergunto: se temos essa capacidade originária e estrutural de pensar, por que teríamos de ter uma forma única de praticar a participação popular?

É muito importante dialogar com a sociedade organizada, com os sindicatos. Mas é preciso dialogar também com a sociedade que não está organizada ou está organizada de outras formas. Sem preconcei-

tos! Temos de ampliar a nossa capacidade de dialogar com as lideranças populares, comunitárias, religiosas, quase sempre mulheres, e mulheres pretas. Falei de uma lição de Linguística. Vou encerrar com uma lição da poesia. O grande poeta Murilo Mendes, que eventualmente nasceu em Juiz de Fora, escreveu em 1972 uma coisa que não podemos esquecer: “sem esperança não surge o inesperado.”

Numa sociedade selvagemmente capitalista, com uma longa história de injustiça, autoritária e truculenta, a confirmação e alargamento dos direitos sociais é uma *flor nascida no asfalto*¹. E é só esperança. A luta que nasce da esperança pode fazê-la resistir e sobreviver.

1. Referência ao poema A Flor e a Náusea, de Carlos Drummond de Andrade.



André Singer: “É importante considerar que o setor de 2 a 5 salários mínimos de renda familiar está em disputa”

Vou apresentar três tabelas e três questões fundamentais. Situação do governo Lula,

observações sobre as eleições municipais e expectativas sobre o futuro da economia. Três tabelas, três observações fun-

damentais e três recados. Começando pelo governo Lula, o Datafolha fechado em 8 de outubro mostra 36% de ótimo

Tabela 1 - Avaliação do gov. Lula por faixas de escolaridade e renda (Datafolha 8/10/24)

	Total	Escolaridade			Renda Familiar			
		Fundamental	Médio	Superior	Até 2 S.M.	Mais de 2 a 5 SM	Mais de 5 a 10 S.M.	Mais de 10 S.M.
Ótimo/Bom	36	51	29	29	46	27	28	26
Regular	29	21	34	31	28	31	28	26
Ruim/Péssimo	32	25	35	40	24	39	43	48
NS/NR	2	3	2	0	2	2	1	0
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Base	2029	656	932	441	923	751	180	76

e bom. Para quem está chegando ao final do segundo ano de mandato, é uma avaliação regular e estável. Nem muito ruim, nem muito boa. Como critério de reeleição, entre 50% e 60% de ótimo e bom se pode considerar condição tranquila para reeleição, ou que caminha para a tranquilidade. Lula tinha 70% de ótimo e bom em 2010, último ano do segundo mandato. Mostrava que a eleição de Dilma seria bastante possível, apesar de ela não ter um passado de disputas eleitorais.

A primeira tabela mostra que entre aqueles que possuem renda familiar de até 2 salários mínimos, 46% apontam ótimo e bom. Se o eleitorado brasileiro fosse todo composto por essa faixa de renda, estaríamos caminhando para uma reeleição tranquila. Mas a tabela mostra que a outra metade é composta de setores intermediários. Somando 751, 180 e 76 vai dar mais de 923.

Passando aos que recebem entre 2 e 5 salários mínimos de renda familiar, o salto é de

eleições em São Paulo, vemos que em setembro a intenção de voto no Boulos, que reflete o que foi o primeiro turno, não foi ruim. Foi uma boa votação. Mas por que não ganhou no segundo turno? Porque os eleitores do primeiro e do terceiro colocados se uniram. Nunes tirou votos de Boulos na base da pirâmide, que é onde está concentrado o apoio ao governo Lula. Por que ele tirou votos na base da pirâmide? Não é a única explicação, mas me parece a explicação principal: por pragmatismo. O prefeito investiu muito em obras na periferia nos últimos meses e

quase 20%. Mostra que o apoio ao governo está completamente concentrado nessa base da pirâmide. O resto todo se comporta parecido. Esse setor entre 2 e 5 salários mínimos é um setor enorme também, mas ele está se comportando como os outros setores intermediários. Vamos considerar que, acima de 10 salários mínimos, aproximadamente, está a classe média tradicional. Reparem, então, que esse setor entre 2 e 5, que é um setor nítido de classe trabalhadora, está se comportando como a classe média tradicional. Portanto, temos uma divisão do Brasil em dois blocos. O bloco da base da pirâmide está com o governo e o outro bloco não está. Essa é a primeira constatação. Se olharmos por escolaridade, vai praticamente reproduzir a mesma coisa. Entre os setores intermediários, quanto maior a renda, maior a oposição ao governo. Escadinha 25, 35, 40 de ruim e péssimo.

Passando à outra tabela, sobre

Tabela 2 - Intenção de voto para prefeitura de SP 2024 por renda (Datafolha 24 a 26/9/24)

	ATÉ 2 SM	DE 2 A 5 SM	MAIS DE 5 SM	Total
NUNES	32%	24%	23%	27%
BOULOS	21%	28%	30%	25%
MARÇAL	15%	23%	27%	21%
TABATA	9%	9%	9%	9%
DATENA	7%	6%	3%	6%
MARIA HELENA	3%	1%	4%	2%
B/N/NS/NO	11%	8%	5%	9%

a população queria que essas obras fossem completadas. Isso mostra que, embora haja um apoio importante ao governo – e esse apoio tem a ver com o lulismo, que é um fenômeno de médio e longo prazos – esta é uma população pragmática, que pode mudar se sentir que houve perdas. Observem como a votação do Marçal é uma votação em escala: quanto maior a renda, maior a votação. Isso significa que a base da pirâmide, onde Marçal foi bastante mal, não é vulnerável à ideologia da extrema direita. É uma base pragmática.

O setor entre 2 e 5 salários mínimos é vulnerável à extrema direita e à ideologia da extrema direita, que no caso está se confundindo com a ideologia do empreendedorismo. Precisamos ficar atentos a isso. Nomes tirou votos na base da pirâmide e Marçal tirou votos nos setores intermediários.

Na última tabela temos a expectativa para a economia nos próximos 12 meses. Aqui acontece o seguinte: temos tido bons resultados na economia, o Brasil está crescendo bastante nas atuais circunstâncias. Mas alguma coisa está acontecendo na percepção das pessoas em relação à economia. O número das pessoas que acham que a economia vai melhorar vem caindo. Aumenta o número das pessoas que pensam o contrário. Se as curvas se mantiverem assim, tendem a se encontrar. Ninguém tem resposta clara para isso. Fenômeno muito

Tabela 3 - Expectativa para a economia nos próximos 12 meses (Genial Quaest 25 a 19/9/24)

	JUN/23	AGO/23	OUT/23	DE/23	FEV/24	MAI/24	JUL/24	SET/24
MELHORAR	56	59	50	55	46	48	52	45
FICAR DO MESMO JEITO	15	16	18	16	19	19	18	18
PIORAR	25	22	28	25	31	30	27	36
NS/NR	4	4	4	3	3	3	4	1

parecido aconteceu nos Estados Unidos e determinou a derrota de Kamala Harris. O Partido Democrata não sabe o que aconteceu. O único elemento que parece ser comum a todas as análises é o problema da inflação. Os números do governo Biden eram excelentes com relação a crescimento, emprego e renda. Alguma coisa está acontecendo e os números agregados não batem com a percepção do cidadão no seu cotidiano. Lá e aqui, a percepção do cidadão é que a vida continua muito difícil.

O setor entre 2 e 5 salários mínimos é vulnerável à extrema direita e à ideologia da extrema direita, que no caso está se confundindo com a ideologia do empreendedorismo. Precisamos ficar atentos a isso.

Vou concluir com três recados.

1) É preciso ficar atento para os efeitos negativos de eventuais cortes orçamentários junto à base da pirâmide.

2) É importante considerar que o setor de 2 a 5 salários mínimos de renda familiar está em disputa. Ele não está perdido. Há um espaço para a extrema direita, mas há um espaço importante para medidas como isenção de Imposto de Renda para quem ganha até R\$5.000 e a luta pela mudança na jornada de trabalho.

3) A reindustrialização pode gerar bons empregos tanto na indústria quanto nos serviços. Abre oportunidades para quem é atualmente empreendedor nessa faixa de 2 a 5 salários mínimos. A reindustrialização possibilita a essas pessoas prosperar mais e num ambiente de justiça social.



Tainá de Paula: “O PT serve para ser instrumento das massas que querem ter perspectiva de vida e de futuro”

Tenho 41 anos e minha vida se confunde com a trajetória do PT. Uma parlamentar que é arquiteta urbanista, mas de origem favelada e periférica. Uma intelectual negra, que hoje dialoga com as mudanças climáticas globais. A primeira mulher secretária de Meio Ambiente da cidade do Rio de Janeiro. Para que o PT serve? Para ser instrumento das massas que querem ter perspectiva de vida e de futuro. Vejo três categorias que são imperativas para debater: discussão sobre as cidades, discussão sobre o campo e a dimensão da floresta. A cidade continua sendo o espaço com esse problemão pós-colonial do século 20, de não termos resolvida a questão das periferias e das favelas. Elas continuam sendo espaços de desmonte de direitos e descarte. Inclusive da nossa classe expropriada, a classe trabalhadora. A gente criou e fundou

uma perspectiva de trabalho, de trabalhismo, que sequer existe no capitalismo atual. A negação de direitos e a precarização da vida são tão grandes, agravada pela reforma trabalhista e previdenciária, que reforçou o desmonte de direitos. Isso indica o que é para mim a grande fronteira onde devemos investir e priorizar. Essa luta não está necessariamente na carteira de trabalho formal. Reconstruir o chão de esperança das grandes cidades é um desafio importante. E se a Carta ao Povo Brasileiro, de 2002, foi um grande pacto que abriu caminho para o Bolsa Família, o Fome Zero, apontando que seria possível reconstruir e dar infraestrutura às favelas brasileiras, como aconteceu com o PAC e com o Minha Casa, Minha Vida. Foi, sim, possível construir um diálogo com os setores produtivos

vos dizendo: queiram construir um Brasil onde a classe trabalhadora se vê e tem esperança. E esse acordo entre todas as classes sociais só foi possível a partir da articulação e da habilidade do PT. Como André Singer já falou, a gente não está entendendo porque consegue entregar na pauta econômica, consegue estabilizar as contas públicas, reaquecer uma agenda de pleno emprego (que muitos achavam impossível), enquanto a massa precarizada ainda está angustiada e distante de nós. A favela não é simplesmente bolsonarista, ela só está desconfiada sobre nossa capacidade de construir futuras esperanças. As pessoas sentem que está cada vez mais difícil se aposentar, está cada vez mais difícil acessar serviços públicos. O SUS vive uma grande contradição. Ele será sustentável no

longo prazo? As pessoas sentem medo de passarem mal, de ficarem doentes. Quem irá cuidar de mim na velhice? Daqui 40 ou 60 anos, como estarei no meu envelhecimento?

A questão do campo brasileiro dialoga profundamente com a crise climática. Cabe enfrentar a discussão da terra, que os companheiros do MST levantam há tanto tempo. Ainda não nos apropriarmos da discussão central: temos de mirar as terras públicas para garantir a diminuição de fato do preço da comida. É preciso garantir que a cesta básica será garantida à população no curto, médio e longo prazos.

E quero falar aqui dos alimentos vivos: 70% de nossa juventude não consomem comida viva, comida de verdade. Sei que do ponto de vista econômico o agronegócio tem representação importante no nosso PIB. Mas o agro não é pop e está determinado a matar a grande massa trabalhadora da cidade, porque o agronegócio não vende para a gente. Ele mira nas exportações, nos dá os piores alimentos e a gente passa fome na fila do osso, sem conseguir sequer acessar o tomate, acessar uma ora-pro-nóbis, um franguinho cozido. A próxima grande crise que se avizinha é da soberania alimentar, que dialoga com a carestia dos preços dos alimentos. E principalmente a crise energética. Quem mora nos grandes centros sabe o que é pagar uma conta de luz e isso dialoga com a crise climática dos eventos ex-



tremos e a dificuldade de garantir energia limpa e, claro, garantir a tranquilidade dos povos e comunidades tradicionais nas beiras desses rios e lagoas. Teremos a COP 30 no seio amazônico. Temos de dizer que os povos originários têm uma agenda que prioriza a lógica de alimentar, consumir, de viver e de proteger suas terras e proteger a natureza. Essa trinca campo-cidade-floresta precisa oferecer uma dimensão econômica aos países participantes. Precisamos sim, migrar do diálogo Norte-Sul para Sul-Sul, onde o Brasil consiga ser protagonista.

Mas cabe abordar também a China e a Rota da Seda em pé de igualdade, com nossa própria lógica de desenvolvimento interno. Ou a China vai comprar apenas meia dúzia de toneladas de algodão e eu vou continuar consumindo material industrializado, que polui as nossas lagoas, polui os nossos recursos naturais e a gente sem capacidade de produzir os nossos próprios empregos. É preciso criar empregos! O Partido dos Trabalhadores precisa ter um discurso que

reforce a dimensão do trabalho. Dizer que o problema não é o trabalhador querer trabalhar na 6x1. O problema são vocês que querem trabalhar na 1x6 e acumular capital e a grande riqueza que o Brasil produz e que não vai para o bolso do trabalhador.

Estamos, sim, num patamar de desenvolvimento que nos torna protagonistas de uma outra lógica da geopolítica internacional. Há 40 anos a gente se via como país subdesenvolvido e isso não se sustenta mais à luz da nossa balança comercial, de tudo o que exportamos e também à luz dos super ricos. Que é preciso taxar para fazer uma primeira reparação econômica. Que é uma reparação econômica justa e que demorou muito. E somente o PT teria a coragem política de construir esse debate.

Que a gente faça jornadas pelo país inteiro, dizendo que é nós e eles, sim, e chamando as elites da Faria Lima, fazendo sentar na mesa de negociação sindical, de negociação com o presidente Lula para participar com coerência da reconstrução do Brasil.



Sinhara Garcia: “As pessoas hoje estão querendo acolhimento, querem ser cuidadas, ser ouvidas, ser bem tratadas”

Sou evangélica há 25 anos, tenho 45 e minha história é marcada pela história de fé mesmo, de cuidado, de lutar por justiça social. Fui convidada aqui como uma voz dos evangélicos, que hoje já são 30% da população brasileira. É muita gente. A igreja vem crescendo e faço parte da Frente Evangélica pelo Estado de Direito e também sou uma das idealizadoras do movimento Cristãos pela Democracia.

A religiosidade no meio popular vem do fato que as igrejas estão dentro das favelas, estão nos guetos, nos morros, estão nas grandes sociedades. Há diversos tipos de igrejas e seus espaços são de acolhimento. As pessoas hoje estão querendo acolhimento, querem ser cuidadas, querem ser ouvidas, querem ser bem tratadas. Querem apoio emocional, social e também material. E muitas vezes a

igreja é o único caminho para elas receberem isso.

Todos precisam saber que a igreja é um instrumento transformador sócio cultural. Quando um pai de família, que vive bebendo no bar, sem camisa, que muitas vezes trata sua mulher com violência quando chega em casa bêbado, quando se converte, a vida dele é transformada. Ele passa a se vestir melhor, a ler a Bíblia porque a igreja evangélica ensina as pessoas a ler, estimula a conhecer mais a palavra de Deus. Isso acaba gerando cultura para as pessoas. Ensina os jovens a utilizarem instrumentos, como nosso pastor Kleber Lucas, que gravou “Deus cuida de mim”, cantada pelo Caetano Veloso. A Frente Evangélica pelo Estado de Direito, presente em 18 estados, fez uma pesquisa em quatro capitais, em 2024. Uma coisa que me chamou a

atenção é que as pessoas evangélicas não querem o Estado teocrático, querem a liberdade religiosa. Ocorre hoje uma ofensiva contra a pluralidade laica, crescendo os conflitos de intolerância, mas nem todos os evangélicos apoiam isso. Lutar contra o fascismo é lutar pelo Estado Democrático de Direito. É preciso respeitar, sim, as demais expressões de fé.

Jesus não trabalha com essa teologia do domínio, que é uma teologia da imposição que tem de ser daquele jeito e que é preciso dominar, como em muitas falas do Bolsonaro. Jesus convida a gente, não impõe. Mas infelizmente muitos representantes evangélicos têm imposto, como faz essa bancada no Congresso, que se diz da Bíblia, mas é da bala.

Existem vários tipos de igrejas evangélicas: batistas, metodistas e presbiterianos. Existem



as pentecostais, que trabalham essa teologia da prosperidade. Temos também as neopentecostais, como a Igreja Universal e Igreja da Graça. Existem as igrejas de parede preta, como a de André Valadão, que injeta aquela teologia coach, e há igrejas inclusivas, que reúnem pessoas rejeitadas em outras igrejas, como por exemplo, pessoas LGBTQIA+. E trabalham por justiça social. Silas Malafaia e Marco Feliciano não representam todos os evangélicos. Eles têm mais destaque na mídia do que em nosso meio. Outra coisa muito difícil é enfrentar o preconceito. Enfrento muito preconceito por ser uma mulher evangélica, por ser militante do SUS, evangélica que vota no Lula. Nas eleições de 2022, quando precisáva-

mos salvar a nossa democracia, pude trabalhar contra Bolsonaro, onde eu estivesse. Sofri muito assédio porque eu postava minhas opiniões e os evangélicos não aceitavam. Mas insisti e fui acolhida pelo meu pastor, pelos meus irmãos, e entendi que muitos precisavam ser acolhidos também. Abri minha casa e chegaram mais de 50 pessoas para conversar sobre eleições. Queriam saber porque sou crente e voto no Lula. Expliquei que, sendo Jesus minha maior referência, ele cuidou dos mais vulneráveis, dos mais carentes. E como eu iria votar num homem que diz que o povo não estava com fome?

Fizemos um ato público na Praia de Iracema, reunindo mais de 300 pessoas, Cristãos

com Lula, e foi super importante Fortaleza saber que estávamos ali juntos, padres, pastores, pessoal da religião de matriz africana, todos juntos pela democracia. Sofro preconceito não só dos meus irmãos em Cristo. Sofro aqui também, no meio da companheirada, que já olham torto quando ficam sabendo que sou evangélica. Quando vou defender os direitos reprodutivos da mulher, as pessoas de esquerda olham como se eu não tivesse espaço ali. Mas há espaço sim. Podemos dialogar e trabalhar juntos. Os evangélicos foram subestimados durante muito tempo e essas pessoas de esquerda têm lá suas razões. Mas sou de esquerda, progressista e evangélica e existem muitos evangélicos assim.



A classe trabalhadora e as suas necessidades hoje

Entre as principais mudanças que estamos vivendo há uma que influencia diretamente em nossa militância que é as formas de trabalho e a situação da classe trabalhadora

Com alta concentração de renda e aumento exponencial dos monopólios, como o das empresas de tecnologia e as chamadas Big Techs, o outro lado da pirâmide da luta de classes – o da classe trabalhadora – está maior, diverso, plural, flexível e vai além da clássica regulamentação que classifica quem trabalha sob regime CLT ou não. Compreender essas transformações a respeito do mundo do trabalho e quem é hoje a

classe trabalhadora não pode ser uma preocupação apenas dos dirigentes e militantes que atuam no movimento sindical, mas de todos e todas aquelas que acreditam na necessidade histórica do PT como ferramenta de luta da classe trabalhadora brasileira.

Para contribuir com essa nobre missão convidamos o pesquisador Renato Meireles que indica que o brasileiro sempre fez seus bicos, frilas, ou seja, o “empreendedorismo” não é algo novo; a diretora da Con-

federação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag), Mônica Bufon, retrata a situação do trabalho no campo; o líder de trabalhadores de aplicativo, Nicolas Souza, fala sobre a importância da autonomia para a sua categoria e o que ela pensa sobre a CLT, e o presidente do Conselho do Sesi, Fausto Augusto Jr., apresenta dados gerais e apontamentos sobre o papel do PT na garantia de direitos que influenciam quem é a classe trabalhadora hoje.



Renato Meireles: “Trabalho não é sinônimo de emprego; empreendedor não é sinônimo de precarizado”

Política é disputar a hegemonia do pensamento em uma sociedade. Sem abrir mão dos seus valores. Não dá para disputar hegemonia do pensamento sem a gente entender como a população está pensando. Começo com o óbvio: trabalho não é sinônimo de emprego; empreendedor não é sinônimo de precarizado. Sem entender isso, não vamos entender o Brasil. No embate político, a gente acaba esquecendo que estamos falando com pessoas que têm sonhos, que têm medo, estamos falando de gente. Vamos falar de gráficos e estatísticas, mas sem esquecer que existe amor nesses números e dados.

Objetivamente, o Brasil não vive hoje uma crise do trabalho. Temos baixíssimo índice de desemprego, temos aumen-

to da renda média. Então, por que diabos está tão difícil? O que está acontecendo que torna cada vez mais complicado dialogar com a sociedade? Acontece que, embora objetivamente não exista uma crise no trabalho, vivemos um momento de reformulação simbólica da relação dos brasileiros com o trabalho.

Temos de entender que a viração sempre fez parte da vida dos brasileiros. Nas classes C, D e E é o chamado bico. Nas classes A e B é o frila. Isso não é uma novidade. A baixa renda brasileira sempre se utilizou de caminhos fora do círculo tradicional do mercado de trabalho. Tendo isso em conta, o significado do empreendedorismo, hoje, mudou significativamente. Trata-se de aspiração ao trabalho, não algo que vem lá de trás como garantia. Mas que oferece uma

chance, na visão do trabalhador, de olhar para a frente.

Pesquisas do Data Favela, especializado no território das 11.000 favelas brasileiras, com 16 milhões de pessoas, mostram que 79% dos empreendedores das favelas desejam ampliar o seu negócio por conta própria ou abrir um novo negócio nos próximos 12 meses. Apenas 9% declaram que desejam conseguir um trabalho com carteira assinada. Ou seja, a favela é na maioria empreendedora.

Lembro que mostrei ao Lula e Dilma, ali por volta de 2011, pesquisa parecida com esta de 2024 mostrando que para essas pessoas o que mais contribui para melhorar a vida no próximo ano é: 1) eu mesmo; 2) Deus; 3) minha igreja; 4) minha família; 5) a sorte. E o governo federal vem de-

pois da sorte. Está certo isso? Claro que não! Mas isso é o pensamento do brasileiro. Nós perdemos, o governo brasileiro perde para a sorte. Sem nenhum juízo de valor sobre essas respostas, sabemos que é esse cidadão quem votou para prefeito e vai votar para presidente.

Sei que a CLT tem um papel fundamental. Mas as coisas estão menos óbvias do que há 10 ou 15 anos. É preciso compreender essa nova dinâmica do significado do trabalho, as transformações estruturais que nosso país viveu. Temos aqui muitos dados sobre avanços na escolaridade, no trabalho e na renda. O que isso trouxe? Frustração! É aquele brasileiro que virou o primeiro universitário da família, os primeiros formandos do Prouni, que mudou a realidade do Brasil e da educação brasileira. Só que a pessoa achava que ia ser doutor e virou balconista da farmácia. Ou seja, criou-se uma promessa maior do que a realidade financeira que o mercado de trabalho foi capaz de absorver.

É como se a gente tirasse milhões de pessoas da pobreza – o PT fez isso – e depois não soubesse o que fazer com elas. Talvez seja esse o dilema. Tivemos mudanças demográficas que vão impactar diretamente na economia do cuidado. Com mais impactos negativos sobre as mulheres, que já realizam um trabalho que não é remunerado. Teremos de lidar com

a economia do cuidado, com o envelhecimento da população, num contexto em que temos 2,8 pessoas por família. A mudança na tecnologia da informação gerou um processo gigantesco de plataformização. Sabem quantos brasileiros ganham dinheiro por aplicativo? São 11 milhões e a gente pensa que existem apenas os entregadores e motoristas de Uber. Existe a boleira que passou a vender bolo de pote pelo IFood, o sujeito que estampa boné e camiseta e a artesã que vendem no Mercado Livre. Não temos diálogo com essas pessoas. São 11 milhões de trabalhadores que não têm emprego, mas ganham a maior parte de sua renda com isso. Cabe abordar também a condição dos negros e das mulheres: 88% dos brasileiros concordam que mulheres com filhos enfrentam mais desafios no

mercado de trabalho. Então falamos da mulher que sofre preconceito e na entrevista para emprego é indagada se pretende engravidar ou não. O que é melhor para ela? Ganhar um salário mínimo ou montar um negócio na cozinha de sua casa?

92% dos trabalhadores negros afirmam que existe racismo na contratação de candidatos ao emprego, 67% já deixaram de ser contratados por serem negros e 45% já sofreram discriminação racial durante uma entrevista de emprego.

Tem de passar por tudo isso para ter um emprego formal. E o morador de favela ainda tem de omitir o lugar onde mora, para conseguir uma entrevista. Não concordamos com isso, mas essa é a realidade. É dessa forma que os brasileiros estão vendo a romaria para se en-



trar no mercado de trabalho. Caberia chamar também de precarizado esse trabalhador de CLT? Nessa situação social, não é tão melhor. Pior ainda depois da reforma trabalhista e na Previdência. Na cidade de São Paulo, por exemplo, 54% das pessoas demoram mais de 1 hora em deslocamento pela cidade para realizar sua atividade principal, no dia a dia. É outro trabalho não pago. Sobre ascensão no trabalho, podemos verificar os agrupamentos pesquisados pela PNAD, como escriturários, balconistas e vendedores de lojas, trabalhadores dos serviços domésticos, limpeza em edifícios, escritórios e hotéis. Tanto nos segmentos de mais baixa renda, quanto nos acima, qual o plano de carreira que oferecem essas profissões, aquelas que no Brasil mais possuem registro em carteira? Esse cara será promovido? Vai ganhar quanto a mais, com o tempo? Do ponto de vista simbólico, a democratização da internet e o surgimento do influenciador digital acabam construindo um novo ideário. Os coachs dão seu testemunho de fé, dialogando com a teologia da prosperidade, sobre seus resultados. Ele diz que não tem sentido nenhum você viver a sua vida inteira e não fazer nada marcante. Viver às custas de um sistema, dependendo de certas pessoas. Quando vai vir a sua liberdade? As professoras ficaram indignadas quando mostrei minha placa da con-

quista dos 100 mil, enquanto elas ganham apenas 1.000. Coisas assim, que são apresentadas como testemunhos de fé. Mas esse testemunho motiva os outros. Lula foi o maior testemunho de fé. Mostrou para os mais pobres que era possível ir além. Não foi o coach que falou isso. Foi o Lula que falou isso lá atrás. Não podemos demonizar quem fala isso agora. E sabemos que Lula foi a exceção, da exceção, da exceção. Os líderes da direita dialogam com o empreendedor, os colocando num papel de autônomos e vencedores. Os líderes da esquerda utilizam o discurso de precarizado. O cara vai lá, rala, trabalha e a gente vai lá e fala: você é um precarizado, você está sendo enganado. Alguém gosta de reforço negativo na vida? Ele é ou não é precarizado? Claro que é, muitas vezes. Mas esse discurso não funciona. Além da questão da Previdência, a flexibilização das leis trabalhistas, desde 2016, fez com que o mundo da CLT perdesse parte das vantagens que eram antes percebidas pela população. Hoje as pessoas sentem menos segurança, menos estabilidade, menos acesso aos direitos e não enxergam na aposentadoria uma segurança de futuro. Elas foram perdendo as garantias que a CLT trazia lá atrás. No entanto, 91% dos brasileiros ouviram falar sobre o movimento pelo fim da escala 6x1 e 54% concordam que a escala 6x1 afeta negativamente

a saúde mental dos trabalhadores e 2/3 concordam que a qualidade de vida seria melhor com uma jornada mais curta. Mas sabemos, na prática, que o brasileiro da viração, vai seguir trabalhando no negócio dele, vai vender Avon, vai dirigir, vai estampar camiseta e vai ter uma grana a mais. De repente, surgiu na internet um meme propondo fim da escala 6x1. E ganha a repercussão toda que ganhou. Nunca tivemos uma bandeira tão fácil de ser defendida. Essa é a nova lógica de comunicação, via internet. Na ótica do empreendedor, é negativa a sua falta de previsibilidade no trabalho e a ausência de uma cartela de benefícios. Mas é positiva sua flexibilidade de horários, sua liberdade de rotina, trabalhar em casa ou perto dela, ficar mais perto dos filhos, não se submeter a relações abusivas. Então estamos falando de dois modelos de trabalho que são precarizados na real, mas que ninguém quer admitir. Estamos falando de dois modelos de trabalho que jogam uma lógica liberal. Não dá para achar que um modelo é liberal e o outro não. Vou repetir o primeiro slide: trabalho não é emprego e empreendedor não é trabalhador precarizado. Ou se trata com respeito, entendimento e humildade essa nova relação, começando a se comunicar com essa parcela da sociedade, ou 2026 vai ser bem difícil.



Monica Bufon: “Falta de mão de obra no campo”

No meio rural a gente vem enfrentando antigos e novos desafios. Ainda é muito alto o índice de informalidade no campo brasileiro, mais de 80%. Temos de avançar nesse ponto para que a agricultura familiar permaneça viva. Temos hoje apenas 23% das terras com agricultura familiar, que se apresentam de várias formas: pequenos proprietários, comodatários, os que trabalham em agroindústrias, os sem-terra.

Apenas 23% das terras, mas representando 67% das ocupações no meio rural brasileiro. Ou seja, numa pequena parte das terras temos muitos agricultores que produzem. E suas famílias também trabalham ali, diferente do agronegócio. Importante também destacar que 23% do valor bruto da produção agropecuária nacional correspondem à dinamização econômica de 96% dos municípios com até 20.000

habitantes.

Uma dificuldade recente muito grande foi o esvaziamento das políticas públicas nos últimos dois governos federais. O esvaziamento teve impacto muito grande no meio rural. Desde o ano passado, com o retorno do MDA, a gente vem conseguindo a retomada das políticas públicas, apesar de ainda persistirem dificuldades de acesso. Mas já se percebe como tem melhorado.

Outro desafio que permanece é o trabalho análogo à escravidão. Tivemos notícias sobre o Rio Grande do Sul na imprensa, mas não é só lá. A questão climática também representa desafio importante. Afeta muito as condições de produção e também do bem-viver. Cabe destacar também o tema das inovações e as novas tecnologias de informação e comunicação.

Problema sério também está no grande êxodo rural. Falta de mão de obra no campo. Muitos

culpam a Bolsa Família por isso, mas ela não é a causa. O êxodo cresceu com a falta de políticas públicas, que ampliou a dificuldade de permanência das pessoas no campo.

Precisamos pensar sobre como as tecnologias podem ajudar. Não só para a produção capitalista. Elas podem trazer, inclusive, diminuição na carga horária. Como produtora de café, muitas vezes precisava levantar às 3 horas da manhã para conseguir dar conta de colher o café na safra, porque a gente não tem o ano todo.

Quando a gente fala sobre essa modernização, precisamos pensar num equilíbrio entre a inovação e a inclusão para garantir mais igualdade. É muito grande a desigualdade no campo, entre o agronegócio e a agricultura familiar. É preciso dialogar também com a questão dos assalariados rurais.

Hoje, quem tem sofrido mais no campo é a população preta, a juventude e as mulheres.

Entre 2012 e 2023 a população jovem, de 16 a 32 anos, que é o recorte adotado pela Contag, saiu do campo numa cifra de 1.488.000. Mais de 1 milhão de pessoas numa década. Foram 26% na região Centro-Oeste, 25% na Sudeste, 20% na Sul e 19% na Nordeste, enquanto a Região Norte registrou até um pequeno acréscimo, de 0,1%.

A gente sente falta deste debate lá nas comunidades. É preciso que este debate chegue na juventude, chegue nas mulheres, nas comunidades quilombolas, ribeirinhas e a gente avance. Precisamos trabalhar o bem-viver em nossa sociedade, e quando a gente fala desse mundo do trabalho, a gente está falando de condições de vida e de igualdade.



Nicolas Souza Santos: “A gente não pode tratar os trabalhadores de aplicativos como coitadinhos do rolê”

Sou motoboy em Juiz de Fora (MG). Trabalho por aplicativo desde 2019. Comecei como motorista trabalhando com Uber, Indriver, 99. Em 2020 a pandemia atrapalhou meus planos e de todo mundo. Ser Uber se tornou inviável porque eu teria

de ficar num ambiente fechado em plena pandemia. Por incrível que pareça, achei mais seguro ser motoboy. Tinha uma possibilidade maior de controle da pandemia. Isso mostra já um caráter da categoria dos motoboys por aplica-

tivo, um caráter de resiliência, de força. Digo isso para a gente não ficar falando o tempo todo deles como coitadinhos do rolê. Como eles sofrem! Não é um discurso legal. A galera não gosta disso. Se chegar no meio da gente com esse tom, a repul-

sa será imediata.

Somos uma categoria, na real, muito resiliente. Atravessamos a pandemia trabalhando em cima da moto, entregando em hospital, vindo daqui para lá, sendo vetor e vítima ao mesmo tempo. Aquele momento fez com que a categoria crescesse exponencialmente. Somos hoje 570 mil entregadores por aplicativo no Brasil, mais do que a categoria dos bancários. Só na maior, que é a IFood, somos 370 mil trabalhadores cadastrados ativos. Mas como isso aconteceu? Uma empresa que 20 anos atrás não existia tem hoje 370 mil pessoas trabalhando ali.

Nossa categoria é historicamente autônoma. Alguém me ligava perguntando: quanto custa levar para mim este negócio aqui lá no bairro tal, na rua tal. Esqueci minha chave, esqueci não sei o quê, quanto você cobra para fazer isso? A categoria já existia antes do aplicativo. Existem motoboys celetistas? Sim, geralmente trabalhando em farmácia, açougue e mercado. Mas a maioria é de autônomos.

O que o IFood fez? Prometeu o cliente. O aplicativo fez um atalho. Olha, você tem que ficar negociando, procurando cliente, prospectando. Vamos fazer o seguinte: você vai abrir o aplicativo aqui e está ali o cliente. Basicamente a promessa foi essa. A todo momento, a promessa era que a gente permaneceria autônomo e todo mundo entrou na plataforma

por essa promessa. Porque era flexível, porque tinha liberdade, eu poderia trabalhar na hora que quisesse.

Com o decorrer do tempo, as plataformas foram espremendo essa autonomia. Foram retirando ponto a ponto essa autonomia prometida. Se você perguntar ao motoboy, a qualquer trabalhador, como Renato Meireles demonstrou aqui, se ele quer ser autônomo ou celetista, a resposta é: quero ser autônomo. É um desejo humano. As pessoas detestam obedecer a ordens, cada um quer ser dono de seu destino.

Eu quero ser autônomo, mas isso não significa que, hoje, na plataforma, eu seja autônomo. Houve essa retirada de autonomia vagarosamente e quase imperceptível. Se eu abro meu aplicativo do IFood hoje, ele sabe que estou em Brasília e já me mandou uma promoção aqui para eu poder ir lá e fazer uma entrega. Nesse aplicativo tem três sistemas de avaliação interna, score (pontuação): saúde da conta, avaliação do cliente e avaliação do estabelecimento. Fica ameaçando. Detectamos um comportamento incomum e você pode ser desativado. Esse controle não existia dois anos atrás.

Sendo 11 milhões no Brasil, há graus distintos de autonomia, com maior ou menor grau de subordinação. Eu não tenho liberdade de preço. Chega para mim só o seguinte: tem essa corrida aqui por x reais. Quer pegar? Posso até falar que não

quero, mas só algumas vezes, porque senão eu tomo um bloqueio. Hoje a subordinação é escancarada. E a nossa vontade de ser autônomo permanece. Chega a notícia de que o Tribunal de Justiça de não sei onde condenou todo mundo a ser celetista. Nosso pessoal fica assustado porque começa a se comparar com o vizinho dele, que é caixa no supermercado, com sua mãe, que é doméstica. Ele vai entender o celetista como precarizado. E uma coisa não tem nada a ver com a outra, mas tem muito receio disso. Quando dizemos que a pessoa não quer ser CLT, não é porque ele não gosta da cor da carteira ou porque tem repúdio a ser celetista. Não é esse o problema. O problema é que a CLT é horrorosa. Hoje o salário mínimo é extremamente rebaixado. Temos de lidar com um pensamento de servidão que existe no Brasil desde muito tempo, que é herança. O cara me con-

Quando dizemos que a pessoa não quer ser CLT, não é porque ele não gosta da cor da carteira ou porque tem repúdio a ser celetista. Não é esse o problema. O problema é que a CLT é horrorosa.

trata para atender alguém, mas me contrata ao mesmo tempo para fazer café, varrer a loja e limpar banheiro.

E isso eu não quero. Quero ficar em cima da moto, fazendo a minha entrega, trabalhando do meu jeito. A autonomia foi retirada ao longo do tempo. A consequência é que a categoria aumentou demais, tomou completamente o mercado que era autônomo. Quem contratava por CLT ficou sem ter o que fazer. O restaurante que contratava por CLT ficou caro demais, a concorrência ficou

muito difícil e ele demite aquele motoboy celetista que tinha direitos, passando a usar a equipe que a plataforma oferece. Então acabou com o mercado autônomo e está acabando com os celetistas também. Está sobrando um montão de informais por aí, que não tem nem um, nem outro. Para as plataformas foi uma benção porque elas ganham dos dois lados. Quero terminar chamando a atenção para o fato de que o STF fará audiência pública para tratar desse tema e, na verdade, ir um pouco além dele. Definir

se a gente é trabalhador ou se é parceiro comercial das empresas de plataforma. Se a gente é autônomo ou subordinado. Estará tratando de transporte, entrega, mas a decisão vai afetar, já de saída, 11 milhões de pessoas. Parece absurdo decidir se nós somos ou não trabalhadores. Mas se decidir que não somos trabalhadores, vamos perder uma ferramenta importantíssima, histórica, que já vem sendo atacada há muito tempo, que é a Justiça do Trabalho.



Fausto Augusto Junior: “Temos de garantir a melhoria da renda e da condição de vida”

Fui chamado a esta mesa para rivalizar um pouco, ou pelo menos fazer um debate com outras abordagens. Estamos no século 21, mas temos uma tendência de utilizar as ferramentas teóricas do século 20 para entender o novo século. Como venho lá da base metalúrgica do ABC, gosto de fazer uma comparação. É como

se a gente estivesse apertando uma porca com alicate. Dá para apertar, mas não fica bem apertada e ainda come as arestas. Isso é um grande problema nosso hoje. São realidades muito diferentes.

Os dados sobre mercado de trabalho não mudaram estruturalmente como às vezes se pensa. Quantas pessoas estão

trabalhando no Brasil hoje: 62,3% em 2012 e 62,4% em 2024. Taxa de informalidade de 38,3% em 2016, quando o IBGE começou a medir, e 38,8% em 2024. Proporção de trabalhadores por conta própria, ou autônomos: em 2012 eram 22,9% e 24,6% em 2024. Número de empregadores no Brasil: 2012 eram 3,8 milhões

e 4,1 milhões em 2024. Taxa de desemprego de 6,3% em 2013, nossa melhor marca anterior, e já atingimos este ano 6,2%. O que esses números não mostram? Não mostram as 30 milhões de pessoas entre 18 e 59 anos que estão fora do mercado de trabalho. Não estão trabalhando e não estão procurando emprego. De informais temos cerca de 30 milhões. Então cerca de 60 milhões na soma. Desempregados, 5 a 8 milhões, dependendo do ano. Por isso, não podemos jogar a criança fora com a água do banho. A maior parte das pessoas que estão trabalhando hoje estão com carteira profissional assinada. Então, cuidado! Nem tudo é empreendedor. A discussão

sobre 6x1 mostra isso. Quem é o trabalhador 6x1 das redes sociais? Ele não é empreendedor, não é trabalhador de aplicativo. Trabalha nas lojas, mercados, *shopping-centers* etc. A expressão política dos trabalhadores brasileiros se deu através do movimento sindical. Foi de onde surgiu o nosso Presidente. Essa expressão, que funda o PT, funda a CUT, funda boa parte dos nossos movimentos que hoje estão sob ataque desde os anos 1970, desde Margareth Thatcher e Reagan, chegando pesadamente ao Brasil nos anos 1990. Quando se fala que o movimento sindical está frágil hoje, cabe argumentar que ele está há 30 anos sob ataque pesado e isso vai

fragilizando. Além de termos também os nossos erros. Chega então 2016 e 2017, com o ataque à Previdência e reforma trabalhista. Oito temas que o Temer manda para o Congresso geram mais de 100 mudanças na CLT, a maior reforma da CLT desde que ela existe. Mais do que uma reforma trabalhista, foi uma reforma sindical. E quando o movimento sindical ficou frágil, boa parte do financiamento das mobilizações sociais se tornou frágil. O carro de som, o espaço de debate, o pão com mortadela era o movimento sindical que provia para as lutas. Agora não tem mais dinheiro para isso. E



pergunto se temos espaço para debater a contribuição negocial no Congresso.

Nós somos os responsáveis por um fenômeno político importante: as mudanças na favela aqui abordadas. Nós demos identidade para a periferia, levando as pessoas a terem orgulho de ser da favela, orgulho de ser da periferia. Começamos com movimentos por moradia e vários outros. Transformamos as favelas em comunidades. Parece pouca coisa, mas é uma mudança de conceito histórico. Essa identidade nova da periferia ganhou enorme impulso a partir de 2003 e ela passa a ter voz política. Por que surgiu o Data Favela? Porque a favela passa a ser importante na economia brasileira. A favela compra, a periferia representa a maior parte dos consumidores do Brasil.

Quando implantamos o Bolsa Família, o interior do Nordeste passou a ser relevante do ponto de vista do mercado. Só que então, aquilo que a gente cria vira empreendedor e é capturado por uma visão tipicamente liberal. Por que? Cabe fazer um debate muito sério sobre isso. Nós criamos o MEI, avançamos na legislação sobre a pequena e média empresa, quando Okamoto estava no Sebrae. E nós não os representamos, não somos a voz deles. Por que? Nós temos de fazer essa pergunta. Trabalho com estatísticas há 28 anos. Um problema nas estatísticas brasileiras é que são majoritariamente de corte li-

Nós somos os responsáveis por um fenômeno político importante: as mudanças na favela aqui abordadas. Nós demos identidade para a periferia, levando as pessoas a terem orgulho de ser da favela, orgulho de ser da periferia. Começamos com movimentos por moradia e vários outros.

beral, todos os dados coletados são dados individuais. Qualquer um que conhece a *viração* sabe que as famílias constroem estratégias de sobrevivência: um membro é aposentado, outro recebe Bolsa Família, outro é formal e outro informal. E a gente começa um debate de 15 segundos, de TikTok, para fazer uma oposição entre o formal e o autônomo. Não tem sentido isso. Nós somos classe trabalhadora, nós somos o Partido dos Trabalhadores e temos de garantir a melhoria da renda e da condição de vida, tanto para quem está na CLT quanto para o trabalhador de aplicativo. Esse é o nosso desafio.

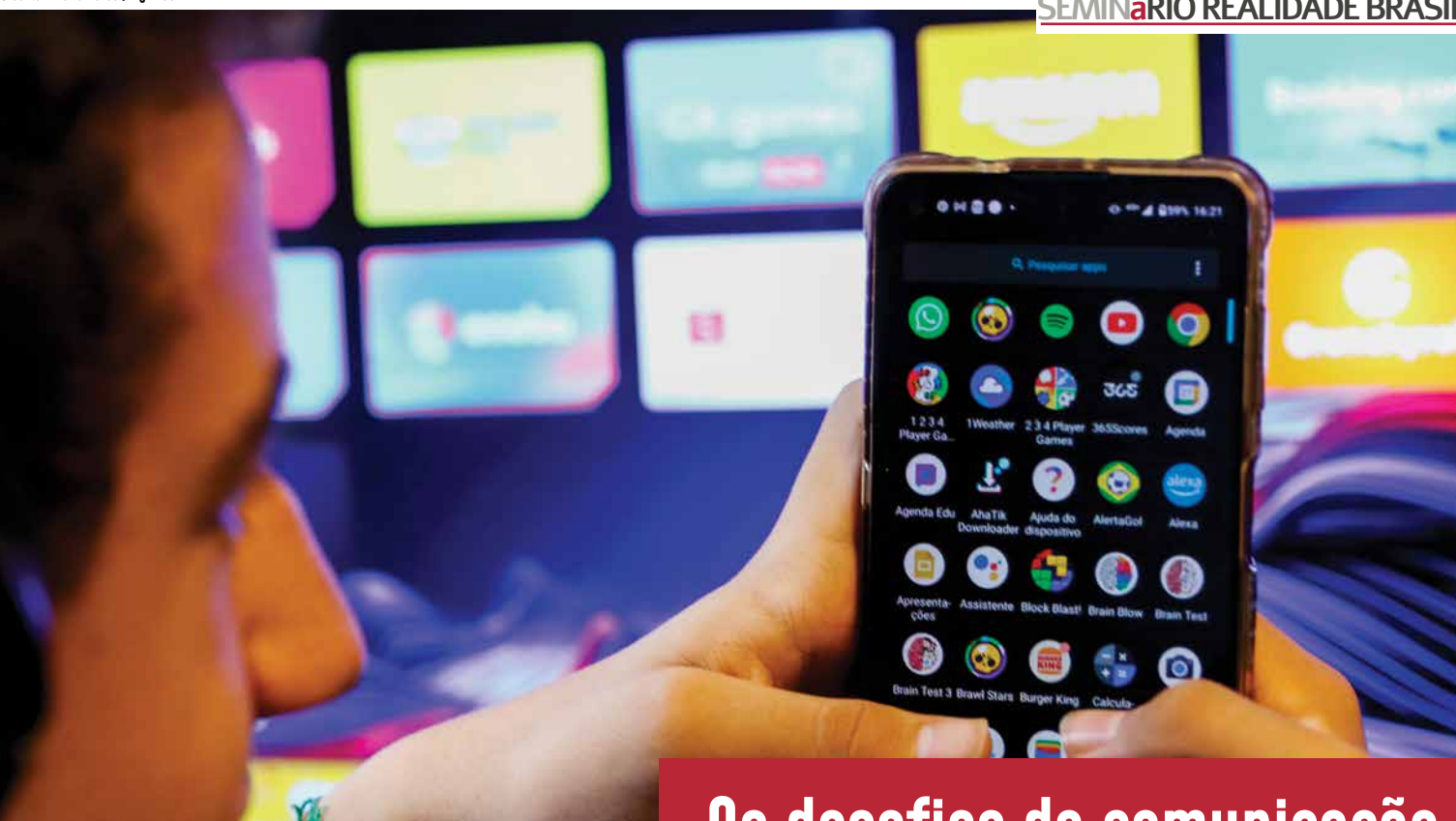
O Bolsa Família, o BPC, a aposentadoria fazem parte de uma composição da renda familiar que torna o brasileiro capaz de viver com a renda que ele tem,

que individualmente fica pouco acima de 2 mil reais, na média, mas que na moda estatística não chega a mil.

Perdemos um debate relevante porque a visão bolsonarista dialoga a partir das igrejas com o núcleo familiar, enquanto nós continuamos no debate individual sobre as políticas sociais. O Bolsa Família é o *funding* do pobre, para usar um termo bancário. Se a gente continuar compreendendo o Bolsa Família e os programas sociais como benefícios individuais, perdemos o debate. Se passarmos a compreender como disputa coletiva, talvez a gente faça um debate diferente. A mesma coisa acontece no campo. A organização da pequena propriedade é familiar.

Podemos e devemos disputar os diversos espaços e a construção da unidade da classe trabalhadora na sua diversidade de condições objetivas. É o que gera nossa produção de identidade. Talvez a gente encontre assim uma saída um pouco menos liberal para as propostas que estão colocadas e sendo disseminadas no mundo TikTok.





Os desafios da comunicação

Toda vez em que conversamos sobre os desafios do PT o tema comunicação surge. Sob vários pontos de vista, ela é apontada como fundamental para que o nosso partido possa vencer as suas debilidades e apresentar suas ideias e propostas para a sociedade de forma clara

A esquerda e os partidos progressistas sempre se dirigiram aos lugares públicos como as arenas de debate (desde Aristóteles), mas as plataformas de comunicação com uso de dados e algoritmos mudaram isso e as formas de sociabilidade, ou seja, como são estabelecidas as relações sociais e a midiatização da política. Com o monopólio na circulação e distribuição, a comunicação política está presa às lógicas de negócio das grandes empresas

que têm propagado valores e ideais muito diferentes dos nossos como individualismo, consumismo, contra a ciência, propagam notícias falsas e espalham ondas de ódio. Mas quais são as brechas que podemos aproveitar dessa nova comunicação que acima de tudo estabelece redes? Para ajudar neste importante debate, contamos com a participação da jornalista e especialista em media training, Olga Curado que indica algumas pistas de como aperfeiçoar a

nossa comunicação; o presidente da Associação Brasileira de Comunicação Pública que discorre sobre a importância da comunicação estatal; a deputada estadual de Porto Alegre, Laura Sito, ressalta a dimensão econômica e política do monopólio das Big Techs e a deputada federal Natália Bonavides que, além de refletir sobre a força do “coronelismo digital” faz um relato sobre a comunicação de sua campanha à prefeitura de Natal.



Olga Curado: “Comunicar é criar uma imagem real da vida real das pessoas. Parar de falar em tese”

O psicanalista Jacques Lacan dizia que a essência da comunicação é o mal-entendido. Vamos sair daqui com ideias muito diversas porque é da natureza da comunicação. Nosso primeiro desafio é que estamos no tempo do algoritmo, a mão invisível que manipula as redes. A gente se vê de uma forma diferente do que somos vistos. Nós, ou o próprio PT, achamos que somos isso. Mas e o outro, como é que o outro nos vê? A comunicação surge dessa percepção, comunicação é percepção.

Existe uma coisa chamada ingenuidade da informação. Dando muitos dados, muita informação, pensamos que todo mundo vem. Preciso dizer que o IBGE é importante, mas que seu Anuário Estatístico não é *best-seller*. As pessoas não compram por

ter informações, mas porque se emocionam. A base da comunicação é a emoção e existe um filtro entre nós e o outro. Esse filtro é a imagem.

Antes de eu chegar aqui vocês poderiam ter uma ideia de quem eu fosse. Essa imagem filtra a comunicação. Antes de conhecer, eu tenho uma ideia de quem você é. Como essa opinião é construída? Podemos comparar com a decisão de voltar a um restaurante. Por que voltamos? Porque a comida é boa, o atendimento, o preço é justo. Somos julgados pelos nossos valores, pela nossa gestão e pela qualidade da nossa comunicação. Não adianta ser bacana, fazer tudo muito bem, se não tenho a capacidade de expressar. Não adianta tirar milhões da miséria se eu não sei contar essa história.

O que constrói nossa imagem

são nossos valores e crenças, nossas entregas e nossas habilidades relacionais. Um desafio da comunicação está em nossas certezas. A gente acha que já sabe tudo. E vimos aqui o Nicolas dizer que estamos achando que os motoboys querem uma coisa, mas eles querem outra. Foi chocante quando estacionei o carro e vi uma garrafa pet com um líquido turvo e minha filha disse que aquilo era o banheiro dos motoboys. Mais chocante do que toda aquela discussão sobre autonomia dos trabalhadores. Comunicação é isso. Preciso criar uma imagem real da vida real das pessoas. Parar de falar em tese.

A comunicação precisa ser concreta. Preciso pegar, olhar, sentir. Não vou ficar fazendo tese, explicando como as teorias devem ser debatidas. Temos o presidente Lula, que emociona

quando fala da história da mãe, quando fala do drama da miséria. É nisso que estruturamos a comunicação. A comunicação é feita a partir da minha relação afetiva com o outro. Tenho de ter consistência, contexto, resistência, ressonância, empatia. Construímos as histórias a partir daquilo que já sabemos e vamos agregando. Vai aqui uma receita: use um pouquinho, uma gotinha de informação e vá entregando aos poucos. Entregando aos poucos, você vai mudando a percepção e aquilo que a pessoa enxerga. Não tente convencer. Convencer significa que você tenta impor. Não faça isso. Mostre um pouquinho todo dia, e a cada dia. Todo processo de comunicação passa por vários canais. Nos comunicamos através dos rostos e gestos (55%) a partir da nossa voz (38%) e apenas 7% a partir das palavras. Em todo processo relacional precisamos nos expressar pelos movimentos – até mesmo pelos movimen-

tos sociais – e não ficar preso apenas à correção das palavras. Lembrar que nosso corpo vai confirmar o que a gente comunica, ou desmentir. Nisso, a vitalidade com que a presidenta Gleisi se expressa na reconstrução do partido é fundamental, um exemplo para todos nós. É a vitalidade que faz a gente se conectar. Não é aquela preguiça de viver. Lembrar que nosso rosto acaba mostrando tudo aquilo que a gente acha que está escondendo. Assim, a comunicação tem uma estratégia muito simples e básica: para onde a gente olha quando fala com o outro. A direita, aquele Marçal que deu um susto enorme em São Paulo, olha para o outro com um discurso de valorização, olhando na força do outro. E já se disse aqui que não queremos ser vistos como coitadinhos.

Se queremos mobilizar o outro, temos obrigação de tirar desse papel de vítima. Falar da reclamação e do sentimento de

A comunicação precisa ser concreta. Preciso pegar, olhar, sentir. Não vou ficar fazendo tese, explicando como as teorias devem ser debatidas. Temos o presidente Lula, que emociona quando fala da história da mãe, quando fala do drama da miséria. É nisso que estruturamos a comunicação.

perda também tira a força do outro. Sair do lugar de termos de nos esconder. E também sair do lugar de herói. Herói morre cedo. Ninguém quer herói, nós queremos sábios. E sábios são aqueles que têm a capacidade de se comunicar a partir da escuta. O que define sua comunicação é a escuta.

Não devemos ter a pretensão de falar para o público, falar para a opinião pública, para todo mundo. Não existe isso. A gente fala para um indivíduo, para outro indivíduo e outro indivíduo. Esse indivíduo com quem falamos geralmente é aquele que gosta de nós. Existe o hábito dentro do partido, de falar para dentro.



Crédito: Ricardo Stuckert

De cada 100 pessoas para quem falamos, apenas 20 estão no modo automático de gostar. Existe também um pessoal que a comunicação não converte. Será contra tudo o que você falar. Cobra não voa, mas está ali o seu antídoto. E tem o terceiro grupo, com quem precisamos falar. Não cabe pensar no caráter dessas pessoas. E sim reconhecer que elas têm interesses, sonhos e desejos, necessidades, preferências, vontades. Se não sei qual é a vontade dessas pessoas, não tenho como me comunicar com elas.

As pessoas vão entender a sua mensagem política pelo seu gesto, pela sua ação, não somente pelo seu discurso. Se você não sabe que o motoboy precisa de um ponto de apoio onde possa fazer xixi e carregar o celular, o que você está falando para ele então? De grandes estatísticas?

Vou trabalhar sempre do presente para o futuro. O passado é muito bom, mas passou. E temos a mania de começar contando aquela história daquele tempo atrás. Isso cansa as pessoas. Tenho de ser concreto. Se eu não for concreto, não consigo enxergar o que está sendo dito. Tenho de ser concreto, de ser claro e parar de entupir as pessoas com informação. As redes sociais estão ensinando isso para a gente. Não é de informação que elas vivem, elas vivem de foco. Do contrário, eu me perco.

Falando sobre a imprensa, vamos sair do lugar de vítima.

Notícia tem uma fórmula muito simples: o que for inédito, novo, controverso, imoral na percepção de quem escreve, o ilegal e o patético. É fundamental a gente saber disso, para sair do lugar de vítima da imprensa e dos comunicadores. Eu sei o que eles querem. Querem uma novidade, uma controvérsia, uma imoralidade, uma ilegalidade, alguma coisa patética. Tudo que é percebido como fora de controle é pauta, tem interesse.

Há um problema básico na comunicação que é a paralisia da análise. A gente acha que tem de saber tudo, todos os detalhes, antes de expressar. Não. A gente expressa, comunica dentro daquilo que a gente sabe naquele momento. Faltou, a gente complementa.

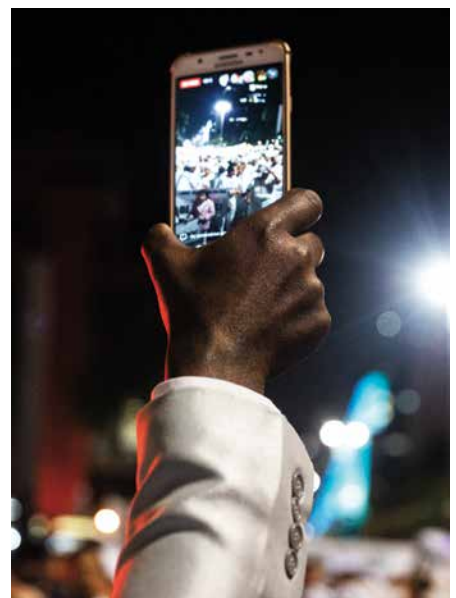
Estamos vivendo um momento gravíssimo da nossa história, que a humanidade nunca viveu, que é o fim da intermediação humana na criação e na disseminação de conteúdos. O gabinete do ódio vai ser fchinha. Como cientistas já alertam em vários lugares do mundo, existe um sistema organizado chamado Inteligência Artificial, que tem a capacidade de criar e disseminar conteúdo. Nos Estados Unidos, empresas de recrutamento já aplicam essa ferramenta com viés de seleção por raça ou geolocalização. Bancos também definem assim suas linhas de crédito, com vários vieses.

Além do impacto no emprego, já discutido aqui, pela primeira

vez na história da humanidade vamos interagir com máquinas, sem saber disso. Temos falado muito sobre as fake news, mas o que está vindo aí é muito mais sério: *fake humans*, seres humanos artificiais.

Quando o STF e o Congresso discutem a responsabilidade das plataformas, estão apenas arranhando a superfície de um problema. Debatem como conter a disseminação de conteúdo criados pelas pessoas. E o conteúdo criado e disseminado por máquinas? Estamos falando de algo que nunca aconteceu na história da humanidade.

Vocês são fundamentais nesse debate. Não adianta a gente ter todos os recursos de comunicação porque a máquina vai fazer tudo isso e muito mais, com muito mais rapidez do que nós. O desafio é garantir que a missão do algoritmo não seja gerar lucro para as *Big Techs*, não seja gerar vício para o tempo de tela, não seja gerar oportunidade de monetização.





Jorge Duarte: “Se a gente comunica mal e perde a narrativa, o que fizemos muito bem-feito, vira malfeito”

Sou presidente de uma entidade que existe há 8 anos e reúne profissionais de comunicação que trabalham, em grande medida, dentro da estrutura do Estado. Vamos falar sobre uma perspectiva que talvez seja um pouco rara para vocês.

Comunicação é o maior problema. Não apenas do PT, é um problema em qualquer lugar. Fiz uma pesquisa, desde o ano passado, e o maior problema em qualquer projeto, de uma ponte, reorganização de uma empresa, instalação de um software, de qualquer coisa, é comunicação.

Comunicação todo mundo faz. Fazer comunicação bem não é fácil. A gente precisa de uma coisa chamada estratégia. Saber onde está e aonde a gente vai. Num governo, se a gente não comunica direito é como

se não tivesse feito. Hoje é pior que isso: se a gente comunica mal e perde a narrativa, o que fizemos muito bem-feito, vira malfeito.

Fui buscar um texto do Perseu Abramo, que foi secretário de Comunicação na Prefeitura de São Paulo, na gestão Erundina. Depois de um ano, ele escreveu um texto que segue atualíssimo e recomendo leitura. Escreve coisas assim: “é necessário compreender a sociedade em sua complexidade, reconhecendo as diversas demandas e diferenças econômicas e culturais”.

Para ele, a comunicação pública, meu tema aqui, a comunicação do Estado, “não é apenas um canal de prestação de contas, mas uma ferramenta essencial para fortalecer a relação entre o governo e a sociedade, promovendo transparência, participação e cidadania.”

O Estado brasileiro tem uma dificuldade histórica no sentido de alcançar a população. O brasileiro é o segundo povo, entre 38 nações, com a percepção mais errada da própria realidade. Até 62% dos brasileiros não sabem reconhecer uma notícia falsa. Em 2022, 67% dos jovens admitiram não saber diferenciar fato e opinião. Temos 38 milhões de analfabetos funcionais. Uma pesquisa de 2001 mostrou que 89% dos brasileiros não sabiam o que foi o Holocausto. Numa pesquisa mundial, foi o país que menos conhecia sobre o extermínio de judeus na Segunda Guerra. Pesquisa de 2009 mostrou que 43% dos brasileiros nunca tinham ouvido falar em Diretas Já. Em 2024, uma pesquisa da Reuters apontou metade dos brasileiros evitando ler e ouvir notícias. Entre 19 nações, o brasileiro é o povo mais adepto

de discursos populistas, segundo *The Guardian*.

Isso é sério. É muito difícil fazer comunicação de Estado com uma população tão distante assim. Uma pesquisa da Fundação Perseu Abramo, de 2007, sobre percepções e valores políticos na periferia de São Paulo, mostrou onde eu quero chegar: insatisfação com a atuação governamental e ceticismo em relação às instituições políticas.

Os resultados indicaram quebra de confiança entre sociedade e governo, refletindo distanciamento das políticas públicas em relação às necessidades e perspectivas da população periférica. A pesquisa mostra confronto, não entre pobres e ricos, capital e trabalho. Confronto é entre Estado e cidadãos, entre sociedade e governantes. Mostra que a relação é marcada por desconfiança, percepção de ineficácia e uma valorização da lógica de mercado.

Nessa pesquisa, o Estado é visto como inimigo e estão presentes os valores de mercado. A relação é atravessada pela demanda por eficiência estatal e estrutural. E eu diria: demanda por melhor comunicação do Estado com a sociedade. O Estado mantém historicamente um distanciamento brutal. Lembro de um evento sobre comunicação em que um petroleiro disse: na comunicação de governo, o que afunda o barco é a água de dentro, não a de fora. Somando Getúlio Vargas, 1930, que foi um governo autoritário,

Comunicação todo mundo faz. Fazer comunicação bem não é fácil. A gente precisa de uma coisa chamada estratégia. Saber onde está e aonde a gente vai.

manipulador, controlador e que usou fartamente a comunicação de Estado para indução e convencimento, e depois tivemos o regime militar, foram 15 anos mais 21 com o governo fazendo a mesma coisa. Isso criou no Estado uma cultura de comunicação que pode ser chamada *divulgativa*. O Estado só faz divulgar. Não acolhe, não dialoga, não faz diagnóstico, não busca saber, não consegue fazer uma comunicação adaptada à necessidade do cidadão. A comunicação tem de ser uma verdadeira política de Estado. É a área mais importante de qualquer governo. Governantes espertos sabem disso. Não precisa ter um Ministério da Comunicação, mas precisa fazer como faz um governador, que é assessorado por uma amiga minha. Ele manda qualquer pessoa que lhe apresente uma ideia ou proposta ir falar com a comunicação, como primeiro passo.

Costuma acontecer o contrário. No final do processo, quando está tudo pronto, chamam a comunicação, quando ela

tinha de estar dentro de todas as políticas desde o início. Ela precisa ser pensada durante todo o desenvolvimento do processo: como isso será comunicado lá fora, como a comunicação pode ajudar essa política pública, o que fazer para a população se apropriar dessa política. Lembro bem o caso do *Aerolu-la*. Passamos um ano levando o maior cacete da imprensa. Quando o avião já estava chegando da fábrica, pegamos o material e tínhamos argumentos incríveis. Tudo o que foi falado contra não fazia sentido. E nunca falamos nada porque a comunicação nunca foi chamada.

Boa parte da comunicação pública que se produz neste país é autoelogio. O cidadão não quer isso. Se a gente não utilizar os termos do cidadão, não considerar as condições do cidadão, não explicar como aquela política pública é útil para ele, não vai estimular sua participação, envolvimento e contribuição. Seremos vistos como quem está distante da realidade. E a resposta do cidadão é essa da pesquisa citada. Ele odeia o Estado porque o Estado não ajuda, o Estado não conversa, não explica, não orienta.

Nos tempos atuais, fica mais difícil ainda devido à disseminação de fake news e tantos processos que deturpam a realidade. Quero terminar recuperando uma música de Gilberto Gil, chamada Rap, que ele fala assim, muito bonito: o povo sabe o que quer, mas também quer o que não sabe.



Laura Sato: “Precisamos compreender de que a vida online e offline não tem distinção”

Os problemas de comunicação costumam ser abordados como problemas do domínio da tecnologia. Mas, na verdade, sempre informam as insuficiências da política. Essa é uma premissa básica. Outra premissa é que vivemos um período histórico de brutal transformação tecnológica, fruto do próprio processo de reacomodação do sistema capitalista, que gera também uma sociedade cada vez mais fragmentada.

Faço um parêntese para destacar que, na reunião do G20, no Rio de Janeiro, tivemos dois avanços muito importantes. Um foi o acordo assinado por diversos países sobre a importância da proteção de dados. O outro foi a declaração final da reunião, conduzida por nosso governo, que inclui a responsabilidade dos países a respeito dos discursos de ódio.

Temos no Brasil questões completamente estratégicas, que talvez ainda estejamos tratando apenas na marginalidade da discussão, como falou Olga. O primeiro é a regulamentação das Big Techs, algo que o Congresso não foi capaz de encaminhar, mas está no STF, já com dois votos favoráveis à regulação. A discussão se restringe a punir a violência nas redes e o discurso de ódio. Mas há questões também fundamentais para debater em relação à soberania digital. Hoje é possível que uma empresa estrangeira chegue ao Brasil e assuma 60% de domínio sobre os dados, em setores específicos.

Sem abordar isso, ficamos sem controle nenhum a respeito de para onde vão os dados aqui coletados. A direita faz uma disputa central contra qualquer modelo de regulação, em nome

da liberdade de expressão, organizando de forma muito intensa debate nas redes. Isso se vincula diretamente a outro debate estratégico, que é a respeito do modelo de democracia que temos.

O debate sobre Inteligência Artificial é paradigmático sobre o modelo das relações sociais que temos no mundo, especialmente ante o poder. Em debate da Secretaria de Mulheres, a Natália Bonavides usou uma expressão que gostei muito: coronelismo digital. Quando vemos uma figura como Elon Musk, que vai para o front político e faz disputa sobre o papel da liberdade de expressão nas redes, estamos falando de algo muito mais profundo. Estamos constatando que esse pequeno número de bilionários detentores das redes, como o X, fazem de seu domínio nessas redes

uma disputa frontal contra a ideia de Estado-Nação.

Uma disputa, portanto, contra o próprio modelo de democracia no mundo. Utilizam seus instrumentos como forma de acumulação de capital, mas também acumulação de poder. Em resumo: não estamos falando simplesmente da liberdade de expressão e do discurso de ódio. Isso ainda é periférico na centralidade daquilo que eles disputam. Essas plataformas, não só Elon Musk, são fundamentais na desestabilização das democracias no mundo, como foram fundamentais nas “revoluções” coloridas de dez anos atrás.

Há distinções entre esses grupos. Alguns são mais liberais, alguns abertamente fascistas. Mas o que está em jogo é a estruturação do próprio capital e a instrumentalização desses mecanismos para fragilizar as democracias, especialmente nos países em desenvolvimento, questionando o papel do Estado em cada caso. Nos Estados Unidos, o debate atual sobre TikTok mostra como eles se preocupam com a própria soberania nas comunicações. No Brasil, ainda não temos ambiente político que permita travar esse debate.

No PT, de certa forma, a gente delega para o governo a disputa de opinião na sociedade. Mas o papel do Estado é um, que o Jorge Duarte abordou, e o papel da militância é outro. Alguns desses papéis se interseccionam. Um dos primeiros



desafios do PT é disputar o governo, para que tenhamos, de fato, uma regulamentação mais firme. É fundamental nesse tema, não disputar apenas o periférico, mas desafiar o outro lado a fazer um debate público sobre o que é estrutural, e isso valerá para informar nossa base. Uma questão polêmica, pelo momento intergeracional que atravessamos no PT, é a compreensão de que a vida *online* e *offline* não tem distinção. Não tem distinção sobre o que vivemos nas redes, o que postamos, o que produzimos e o que produzimos em nossas reuniões. Às vezes temos a impressão de que opomos a atuação nas redes e o trabalho de base. Na verdade, faz parte do trabalho de base disputar as redes. Talvez as gerações mais novas do PT possam nos dar um banho nesse campo. Estão voando no TikTok.

Tenho um menininho de 3 anos e minha irmã tem uma menininha de 5, que mora fora do país. A gente imaginou que, quando se encontrassem, iriam se estranhar porque só conversam pelo Whatsapp. Mas eles se encontraram e se abraçaram,

brincaram como se convivessem diariamente. Então, não há uma distinção sobre as duas vivências e precisamos entender isso na formulação de diálogo com a sociedade. Quero terminar com uma provocação. Nossa presidenta Gleisi fez investimento muito grande para avançar na comunicação do PT. Mas acho que o período nos exige muito mais. Talvez pensar num ecossistema de comunicação e de comunicação popular. A direita investe e faz isso de forma muito singular. O Brasil Paralelo, por exemplo, atua na produção de conteúdo, na produção audiovisual, na promoção de debates, na organização de setores para disputar na sociedade os seus valores.

Isso exige de nós pensar nas ferramentas capazes de promover um outro nível de conexão da nossa agenda política, de maneira mais massiva, com a sociedade. Isso nos deixará mais capacitados para nos conectar de fato com a classe trabalhadora brasileira e disputar de maneira frontal um modelo de Estado, um modelo de democracia.



Natália Bonavides: “Precisamos reafirmar o tal do velho trabalho de base”

Sou deputada federal, fui candidata a prefeita de Natal, este ano, acho que sou a única não jornalista aqui, e sim advogada, mas sempre me interessei por essa área. Meu mestrado foi sobre coronelismo eletrônico, que é justamente essa detenção dos meios de comunicação por setores da classe política. Nossa pergunta é sobre como enfrentar hoje o predomínio da direita e da extrema direita nas redes e como encaminhar a discussão sobre regulação, que está pautada, inclusive a respeito dos períodos eleitorais. Temos de estar na linha de frente na construção dessa regulação, focando em questões como Inteligência Artificial, fake news e algoritmos, mas também retomar os temas que já pautamos com mais visibilidade em nosso programa e acabamos deixando de lado, que é a democratização da mídia. Falamos hoje cada vez mais

da internet e das redes sociais, porém os meios tradicionais de comunicação seguem importando muito. A televisão e o rádio seguem sendo veículos que chegam em muitas casas. Até mencionaria a nossa própria experiência desta campanha para prefeita, em que as pessoas me conheceram, não pelo Whatsapp, Instagram ou Facebook. Foi pelo horário eleitoral, o programa eleitoral. A regulação é muito desafiadora, como Laura mencionou, porque diz respeito a muitos interesses, econômicos inclusive. Não acredito que ela virá logo, a não ser que a gente traga esse tema como pauta de mobilização. Mas a gente sabe que não pode esperar. Os problemas que enfrentamos hoje não se resolvem apenas com a regulação. O predomínio da direita nas redes passa muito mais pela questão política. Mais do que pelos aspectos jurídicos. Mesmo porque hoje até

existem alguns instrumentos legais que podem ser utilizados, servem para alguma coisa. Cabe abordar três pontos: o que isso tem a ver com o poder econômico; o que tem a ver com aceitar cometer crimes; o que tem a ver com a gente, o que podemos fazer diferente no nosso comunicar.

Hoje a dimensão do problema é bem maior, mas já vem de longe. Em 1989, Lula lidou com fake news, sem esse nome. Teve mentiras veiculadas na Globo, panfletos apócrifos distribuídos na porta das escolas e em outros espaços. Nossa governadora Fátima Bezerra, quando foi candidata nos anos 1990 passou por muito disso. E sempre a classe dominante vai ocupar o poder da comunicação através do poder econômico, como uma das formas de reafirmar seu poder político e disputar hegemonia, inclusive cultural.

Se antes a gente falava do

oligopólio dos canais de TV, das famílias que dominavam, sem que esse quadro tenha mudado, hoje temos um adicionado. São as redes sociais que, embora tenham, sim, um lado democratizador, que permite a todos nós falar com um núcleo de pessoas, produzir e receber conteúdos, esse aspecto não impede que os aplicativos de mensagens sejam dominados essencialmente pelo poder econômico.

Assim é que vemos o canal Brasil Paralelo como um dos maiores anunciadores do Google e do Youtube, gastando milhões para que as pessoas recebam anúncios. Todos podem produzir um vídeo e colocar no Youtube, mas se você tem o poder econômico incidindo nessa forma de comunicar, temos uma ampliação e um poder de massificação muito maior. Fazer um gabinete do ódio custa dinheiro. São estruturas que funcionam bem. Eu consigo dizer a hora exata em que eles deram início aos ataques contra mim, no primeiro dia do início do segundo turno em Natal. Além disso, os algoritmos fazem com que determinados conteúdos sejam privilegiados por serem mais lucrativos. Entre os pontos que ainda devo abordar, lembro que a comunicação em si também pode ser pauta da política. Nesse cenário de oligopólios, a gente sabe qual político manda na rádio tal e na TV tal. E sabe quem é o dono. No Rio Grande do Norte, por exemplo, o jornal impresso

mais antigo é de propriedade do suplente do senador Rogério Marinho. Sabendo dessas vinculações, devemos ter isso como pauta de denúncia, levando as pessoas a pelo menos relativizar a mensagem que recebem. Não estou dizendo que isso vai anular o efeito desses grandes poderes nos processos eleitorais e nos processos políticos. Mas se a gente não faz isso, fica com chances muito pequenas de disputar os sentidos do projeto que estamos propondo.

Na campanha a gente tentou juntar – não dá para dividir, como disse a Laura – o mundo das redes e o mundo real. A gente fazia as caminhadas e lá no final estava nossa equipe do Natzap, perguntando se a pessoa queria participar da lista e fomos montando isso, dentro da lei geral de proteção de dados.

Se a gente não fizer as pessoas realmente sentirem algo, por que elas vão sair de casa para votar ou para participar da campanha? A gente trabalhou muito o conceito de esperança. A direita trabalha muito bem os sentimentos, normalmente relacionados ao medo. O caminho para disputar é o caminho da esperança, não num sentido fofinho e idealista, mas sim no sentido de ter um outro modelo de sociedade possível. Vem com a gente que a gente pode construir.

Cabe lembrar ainda que nem tudo é problema de comunicação. Para não enfrentar alguns

debates, dizemos que a comunicação foi malfeita. E na verdade às vezes é um tema muito difícil e que não está sendo acolhido. Assim, em nossa campanha o marketing não tomava decisões que fossem políticas. Esse setor estava sempre conectado porque a comunicação é fundamental. Mas se não tem um conteúdo por trás, que nos conecta com nosso público, a comunicação não resolve.

Precisamos reafirmar o tal do velho trabalho de base. Se estamos lutando contra oligopólios poderosos, não podemos só ficar dependendo deles porque podem mudar o algoritmo e acaba o alcance de nossas postagens. O que vai sobrar se a gente se amarra somente a esses formatos? Basta uma decisão de uma empresa e ficamos sem o instrumento.

A direita também entende assim. Ela predomina nas redes, está nos meios de comunicação e também cuida de estar presente no dia a dia das comunidades. A igreja está lá, até as organizações criminosas estão lá, e muitas vezes ocupando o vácuo que nós deixamos. Por isso, nossa presença cotidiana nas comunidades, nos territórios e nos municípios é fundamental. Não há fórmula mágica. A gente pode ser governo, ter bons índices econômicos, mas nada vai substituir a nossa presença cotidiana, que é a comunicação no melhor sentido. Você cria canais e a comunicação não é só unilateral. Ela amplia o alcance do nosso projeto.

O contexto internacional em que estamos inseridos

Guerras entre Rússia e Ucrânia, massacre de palestinos por Israel na Faixa de Gaza; a decisão da China de fortalecer organismos multilaterais e implantar a sua estratégia de "Cinturão e Rota" enquanto Donald Trump anuncia a saída dos Estados Unidos da Organização Mundial da Saúde e do Acordo de Paris ao mesmo tempo que ganha a adesão dos principais monopólios de comunicação e tecnologia para enfrentar as mínimas medidas regulatórias de países que defendem as suas soberanias diante do poder econômico das empresas de plataformas, softwares e inteligência artificial



Soma-se às tensões da política mundial o aumento do protecionismo e a consequente crise do modelo de globalização que deu aos Estados Unidos o poder que ele tem hoje. Para discutir esta situação internacional, pedimos a colaboração dos especialistas que trouxeram diferentes olhares para alargar a visão deste

contexto que estamos vivendo. José Luis Fiori apresenta informações gerais sobre os conflitos bélicos; Pedro Silva Barros jogou luz sobre o cenário da América Latina; Marcelo Zero se deteve à conjuntura da eleição norte-americana (o debate ocorreu antes da posse de Donald Trump) e Mojara apontou elementos da conjuntura do continente africano.



José Luís Fiori: “O sistema mundial está completamente esfaqueado, em processo de fragmentação”

Em 2000 fiz uma palestra a convite do Genoíno na Câmara dos Deputados e analisei o quarto de século que vinha de 1975. Hoje vamos focar as semelhanças e diferenças com os 25 anos de 2000 até os dias de hoje.

A Grande Restauração ou Revolução Conservadora foi desencadeada nos anos 1980 (período Reagan), em seguida à crise norte-americana e mundial dos anos 1970 e teve uma vitória completa com o fim da União Soviética, o fim da Guerra Fria, fim do mundo comunista (com exceção da China), além de produzir também uma perda total de rumo na social-democracia europeia, frente à apoteótica vitória liberal, cosmopolita e norte-americana. Essa revolução conservadora segue até nossos dias. Os Es-

tados Unidos vivem nova crise e se preparam para dar uma resposta tentando recuperar o poder que, de certa forma, declinou com as derrotas no Vietnã, perda do Irã com a revolução islâmica, retirada no Afeganistão, ataques ao Iraque

O grande paradoxo é que, hoje, os pacifistas, os progressistas olham e esperam pela intervenção de um novo presidente de extrema direita, conservador, hiper reacionário, Donald Trump, como personagem que vem para pacificar.

e à Líbia.

Há uma estranha semelhança entre o que se passou nos anos 1970, 1980 e 1990 e o que vamos viver hoje. Até a sucessão Carter-Reagan e Biden-Trump apresentam alguma analogia. Estamos hoje, na verdade, sentados sobre um vulcão. O sistema mundial está completamente esfaqueado, em processo de fragmentação. Conflitos por todo o mundo e descontrole. Inexistência de uma potência ou grupo de potências com capacidade de estancar esses conflitos. Nos últimos quatro anos houve um aumento de 65% no número de conflitos em todo o mundo. Vivemos duas guerras simultâneas e assistimos pela TV, absolutamente espantados, o genocídio de um povo. De repente, cai um governo na Coreia, Macron na França,

Scholz de joelhos frente aos Estados Unidos, um candidato de ultradireita afinado com Putin surpreende na Romênia. Caos na Geórgia e no Sudão. Muitos outros elementos, que não podem ser resumidos em 20 minutos.

Por isso, escolhi falar de um fato absolutamente dramático, que nem todos acompanharam de modo consciente. Talvez esteja desacelerando nas últimas semanas. Seu epicentro à Ucrânia. Ali se disputa hoje o futuro do sistema internacional. Agora em julho de 2024, em Washington, na reunião da Otan de número 75, montada para ser uma demonstração de força, de consenso e de unidade, avançou a proposta em torno de um ataque ao território russo com mísseis balísticos de longo alcance. Seguiram-se vários lances no tabuleiro europeu, resultando num bloco altamente belicista e decidido a esse ataque.

Com a percepção de que estava em escalada essa ideia de um primeiro ataque atômico contra a Rússia, ela desencadeou exercícios muito mais na ponta de um ataque atômico contra a Europa, já preparando esse ataque, consciente de que ela poderia ser atacada primeiro. Quando a Otan autoriza o ataque das forças na Ucrânia ao território russo, a Rússia responde utilizando um foguete balístico novo, uma arma desconhecida, orenchik, e que tem um poder gigantesco superior ao arsenal francês, in-

glês, alemão e norte-americano disponível na Ucrânia.

Em 2018 Putin tinha feito um discurso sobre as novas armas russas. Deixando claro: temos um armamento que é superior ao de vocês, tecnologicamente, e mais destrutivo que o de vocês. Ninguém deu atenção a esse discurso e agora os russos utilizaram uma parte desse armamento. Foi um aviso gigantesco agressivo, mas inteligente porque feito sem dispositivo atômico. Deixando claro que é possível utilizar armamento atômico e atingir qualquer alvo dentro da Europa em poucos minutos, sem que exista defesa. Isso corresponde mais ou menos ao que os Estados Unidos fizeram em Hiroshima e Nagasaki em 1945. Todos sentiram que contra a bomba atômica não havia o que fazer.

O grande paradoxo é que, hoje, os pacifistas, os progressistas olham e esperam pela intervenção de um novo presidente de extrema direita, conserva-

dor, hiper reacionário, Donald Trump, como personagem que vem para pacificar. Um gigantesco paradoxo.

Trump pode ter as excentricidades que tiver, mas não caiu do céu e não é uma invenção do zero. Os Estados Unidos têm duas grandes estratégias de longo prazo que foram desenhadas depois do fim da Guerra Fria. As duas apontam na mesma direção, seja quem for a pessoa no comando: manutenção da supremacia americana no mundo contra qualquer poder que surja em qualquer lado.

A diferença de Trump é que sua estratégia é pela força, abandonando o messianismo catequético dos democratas e seus monges ideológicos. Para Trump, a supremacia americana deve ser imposta com bases nos interesses do país e não em valores universais, que não existem. Pela força dos Estados Unidos econômica, finan-



ceira, tecnológica e comercial. A posição dos Estados Unidos com relação à China não deve mudar porque a posição dos democratas e republicanos é a mesma, convergente. A China já foi declarada principal adversário dos Estados Unidos no século 21. Não mudará nada. Pode haver acordo pontual aqui e ali. Por outro lado, a China está muito mais preparada do que no primeiro mandato de Trump. Não será mais surpreendida. Vai responder pau a pau.

No Oriente Médio, a posição dos democratas e dos republicanos é mais ou menos a mesma, apesar de que os republicanos dão o dobro de apoio a

Israel. Não é impossível que o Trump, em algum momento, como fazia Reagan, usando terceiros, permita que Israel ataque o Irã. Mas a situação está muito mais complicada do que no primeiro mandato dele porque a Arábia Saudita se aproximou do Irã e também a Turquia. O tabuleiro é extremamente mais complicado. A guerra da Rússia não é contra a Ucrânia, é contra a Otan, contra os Estados Unidos, depois de Putin ter apresentado, em 2021, uma proposta para refazer os pactos geopolíticos pós Guerra Fria.

No projeto internacional de Trump, a América Latina e a África são inteiramente ir-

relevantes. Mas Rubbio, seu secretário de Defesa, ideólogo neoconservador, messiânico, catequético, anticomunista pode fazer com que provoque a Venezuela, como Ronald Reagan fez na Nicarágua, financiando os contra.

No caso do Brasil, certamente Trump utilizará a pressão econômica, chicoteando por um lado e oferecendo bananas por outro. As bananas serão oferecidas na medida em que o Brasil abra mão de qualquer sensibilidade a respeito de uma intervenção na Venezuela e se afaste paulatinamente do Brics. O que me parece difícil.



Pedro Silva Barros: “A região dividida é muito mais vulnerável às ingerências extrarregionais”

No Programa de Governo que elegeu o presidente Lula em 2022 há duas prioridades claras de política externa: integração regional e fortalecimento do Brics. Muitas vezes isso fica

confundido pela agenda conjuntural, como ocorreu agora com o Brasil liderando brilhantemente o G20 no Rio, assim como na reunião dos oito presidentes da Amazônia. Pela primeira vez a sociedade civil teve espaço no

G20, somando a participação de 20 mil pessoas.

Na América do Sul, temos hoje um quadro desastroso, fruto dos desmontes dos últimos anos no sentido de desintegração econômico-comercial e

fragmentação política. Além de ser muito difícil reunir todos os países hoje, existe também fragmentação e polarização dentro de cada país.

A região dividida é muito mais vulnerável às ingerências extrarregionais.

Cabe resumir o que foi feito nestes dois anos e, principalmente, discutir o que pode ser feito nos próximos dois. O presidente Lula desenhou a política com um diagnóstico de não-alinhamento ativo. Como primeiras viagens, ele foi ao Uruguai, Argentina e, em seguida, aos Estados Unidos. Dois meses depois, foi à China. Conseguiu reunir em Brasília os 12 presidentes da América do Sul, o que na transição muitos achavam impossível.

Essa mesa com os 12 foi muito aplaudida e reconhecida pelo mundo. Mas para isso ele teve de ir a Washington, a Pequim, à Europa, dizer que na América Latina quem define o futuro somos nós da América Latina. Esse é um princípio constitucional do Brasil. Está no parágrafo único do artigo 4º da Constituição.

O Brasil deve buscar – buscar não é liderar, não é impor, não é hegemônizar – a integração política, econômica, social e cultural dos povos da América Latina. Essa integração dos povos é especialmente importante no momento em que Cuba sofre, mais do que nunca, um ataque, com a manutenção das sanções e do embargo. E a solidariedade latino-americana precisa ser resgatada.

É muito difícil hoje, mesmo nos espaços de esquerda, aparecer essa palavra solidariedade. Ela é fundamental para nossa política externa ser efetiva, para consolidar no mundo a ideia de América Latina livre, zona de paz, sem ingerências extrarregionais, com capacidade de dissuasão.

O presidente Maduro nunca havia se reunido com os presidentes do Uruguai ou Paraguai. O presidente da Colômbia não reconhecia o presidente do Peru, o presidente do Equador não falava com o presidente da Argentina Alberto Fernandez. E aqui em Brasília se chegou a um consenso de nove pontos, além de dez propostas apresentadas por Lula para discutir a retomada da integração regional.

Foram definidas 17 prioridades nesse consenso de Brasília, mas pouco se avançou em seguida, levando em conta a dificuldade que é garantir na mesma mesa a Argentina de Milei e a Venezuela de Nicolás Maduro. Não é simples. Nunca foi fácil a integração regional. Mas a construção de uma agenda positiva com todos é um objetivo histórico do Brasil e só um governo como Lula, que tem clareza sobre soberania nacional, pode construir. A importância desse governo para o mundo não é pequena. O PT é referência também para os países vizinhos e a gente deve dar o exemplo. Qual foi a ação do Brasil sobre a Venezuela nos governos Bolsonaro e Temer? Foi tentar isolar e asfixiar a Venezuela. E quem sofreu? Foi o povo venezuelano. O

que o governo Bolsonaro fez com a Venezuela, o governo Lula não pode fazer com a Argentina para atrapalhar o Milei. Temos de ter uma agenda positiva também com a Argentina porque nosso compromisso constitucional é com os povos da América Latina. A respeito do que fazer nos próximos dois anos como agenda positiva, cabe melhorar a infraestrutura regional, promover iniciativas favorecendo o comércio intrarregional, que parece pequeno porque só 12% do comércio brasileiro com o mundo se dá na região. Mas esse comércio é muito mais acessível às pequenas e médias empresas, gerando muito mais e melhores empregos. Ele é um primeiro passo para a internacionalização de nossas empresas. Uma *startup* brasileira não vai nascer exportando para a China ou para os Estados Unidos. Nenhuma chance disso. O nosso espaço regional é prioritário. Do que a gente exporta com alta e média intensidade tecnológica, 40% se destinam à região. Enquanto apenas 3% do que exportamos para a China são produtos industrializados.

Além de ser muito difícil reunir todos os países hoje, existe também fragmentação e polarização dentro de cada país.



Marcelo Zero: “Hoje a Europa não apita mais nada”

Fui convocado para abordar um tema desagradável que é Donald Trump. Começo contando algumas historinhas mostrando como o mundo realmente funciona. Por volta de 1968, o Henry Kissinger, que ainda não era chefe do Departamento de Estado, mas apenas consultor, começou a se preocupar com um fenômeno novo que era o crescimento do déficit norte-americano. Desde o final da Segunda Guerra os Estados Unidos tinham acumulado superávits extraordinários. Mas esses superávits comerciais começaram a se tornar déficits e a História indicava que toda nação com déficits comerciais contínuos acabava sendo substituída por outra potência mundial. Economistas passaram a propor redução do crescimento, aumento da taxa de juros, diminuição dos déficits fiscais para que o equilíbrio fosse restabelecido. Mas Paul Volcker afirmou exatamente o

contrário. Para ele, os Estados Unidos não deveriam se preocupar com isso e, pelo contrário, podia triplicar seus déficits e absorver todas as riquezas produzidas na época pela Europa, Japão e outros países. De modo a ter maior controle sobre o comércio internacional, sobre a economia mundial e, dessa forma, transformar o que era uma aparente fragilidade em fortaleza. E isso foi feito. Os Estados Unidos abandonaram o padrão ouro e a partir daí o mundo começou a financiar os déficits norte-americanos. Mas como isso seria possível? Na medida em que se preserva o dólar como moeda de intercâmbio comercial e como grande reserva de valor mundial, esse estratagema financeiro vai funcionar perfeitamente, com um ou outro desequilíbrio e ajuste. Assim se fez a nova pedra fundamental da hegemonia norte-americana no mundo. E isso continua até hoje.

A segunda história diz respeito a Brzezinski, de cunho mais geopolítico, e suas formulações depois do colapso da União Soviética. Para ele, o controle da Eurásia é absolutamente fundamental para o controle do mundo. Temos de aproveitar esse momento histórico para impor nossa hegemonia na Eurásia. Ele previa também uma divisão territorial da Rússia. Disse com muita clareza: para que o supercontinente eurasiático pudesse ser hegemônico definitivamente pelos Estados Unidos de forma sólida, a Otan tinha que se expandir até chegar à Ucrânia e à Geórgia. Essa estratégia já estava traçada desde o início da década de 1990 e perpassa os partidos Republicano e o Democrata. Há nuances, mas no fundamental as estratégias desses partidos são absolutamente coincidentes. Depois que os Estados Unidos sabotaram o acordo que o Brasil vinha construindo sobre o

programa nuclear do Irã, também Angela Merkel fracassou tentando um acordo em 2018. Quando o acordo estava pronto para ser anunciado, com grande interesse das empresas alemãs para aproveitarem as muitas deficiências e demandas iranianas, essas empresas

abandonaram o projeto alegando que os Estados Unidos haviam ameaçado sancioná-las, retirando da lista de parceiros comerciais, excluindo do sistema internacional de pagamentos Swift. E assim as empresas iriam à falência. Hoje a Europa, que não apita

mais nada, principalmente a Alemanha, está indo à falência por causa das imposições dos Estados Unidos, que querem a Europa subalterna e submetida aos ditames da nova Guerra Fria, fazendo o mesmo com o Brasil e não admitindo competidores.



Mojana Vargas: “O PIB africano deve crescer em 2025 entre 3,8% e 4,2%”

Existe uma tendência de tratar o continente africano de maneira monolítica, o que é um erro. O continente africano é o segundo mais populoso do mundo, com cerca de 19% da população mundial. É o continente que possui a maior taxa de natalidade, com média de quatro filhos por mulher. Essa taxa é de 1,9 na Ásia, de 1,6 na América do Norte e 1,4 na Europa.

Em 2024, das 20 economias com crescimento mais acelerado no mundo, 11 são africanas: Niger, Senegal, Líbia, Ruanda, Costa do Marfim, Etiópia,

Benin, Djibuti, Tanzânia, Togo e Uganda. Alguns deles passaram ou estão passando por crises sociais e políticas recentes. A Líbia ainda vive em crise política e social, desde a chamada Primavera Árabe. No Senegal um candidato de esquerda venceu uma eleição recente, com um projeto nacionalista. No Niger ocorreu um golpe de Estado e o país está suspenso da União Africana devido a essa mudança inconstitucional de regime. O PIB africano deve crescer em 2025 entre 3,8% e 4,2%, de acordo com projeções do Banco Africano de Desenvolvimento.

São índices superiores aos mundiais, que deverão oscilar entre 2,9 e 3,2. Ou seja, com todas as dificuldades que enfrenta, o continente africano é hoje um polo dinâmico na economia internacional. É um cenário muito distinto dos anos 1990, quando a maioria dos países passava por gravíssima crise de endividamento, adotando os ajustes estruturais financiados pelo FMI.

A partir de 2003 o Brasil adota nova abordagem sobre a África, priorizando mecanismos de integração, com interesse particular voltado ao Brics, mas

também através da Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul. Nos últimos cinco ou seis anos a integração das economias africanas tem sido o foco principal no Continente, através de diferentes estratégias conduzidas pela União Africana. Ocorreram duas cúpulas importantes.

Em 2022, o Departamento de Estado promoveu nos Estados Unidos uma reunião de líderes africanos com grande repercussão midiática, tendo como temas a segurança alimentar, paz e segurança, respostas à crise climática e ampliação dos laços da diáspora africana. Dois

temas foram levantados como obstáculos, a questão dos Direitos Humanos e a promoção de regimes democráticos, incluindo nesse caso reunião de Biden com os líderes do Congo, Gabão, Libéria, Madagascar, Nigéria e Serra Leoa.

De fato, a diplomacia norte-americana considera a África irrelevante, mas essa cúpula veio como resposta à presença crescente da China e também da Rússia na região, atores não tradicionais na região. Os antigos colonizadores – Portugal, Espanha, França, Inglaterra e Holanda principalmente – atores

tradicionais, seguem presentes, mas prevalece uma expansão da presença chinesa.

Logo após a cúpula africana convocada pelos Estados Unidos, a Rússia convocou evento semelhante em 2023, buscando ampliar sua cooperação econômica com a África, mas também com objetivos geopolíticos de reforçar o multilateralismo, oferecendo novas opções de articulação política aos países africanos, ao mesmo tempo em que se buscava romper o isolamento da própria Rússia.



EXPOSITORES



MARCIO POCHMANN

Atual presidente do IBGE, foi também presidente do IPEA, da Fundação Perseu Abramo e do Instituto Lula.

Formado em Economia pela UFRS, fez pós-graduação em Ciência Política em Brasília e concluiu o Doutorado em Economia em 1993, na Unicamp, onde foi professor titular até 2020.

Foi secretário municipal de Desenvolvimento, Trabalho e Solidariedade durante a gestão Marta Suplicy.



MARGARIDA SALOMÃO

Prefeita reeleita de Juiz de Fora, tendo sido anteriormente deputada federal, é professora emérita da Universidade Federal dessa cidade, tendo sido a primeira mulher a assumir o papel de Reitora na instituição (1998-2006).

Graduou-se em Letras na UFJF, com Mestrado em Linguística pela UFRJ e Doutorado pela Universidade de Berkeley.

Entre 1983 e 1988, foi secretária municipal de Administração e de Governo em Juiz de Fora. Também nos anos 1980 foi dirigente da CUT em Minas Gerais.

Quando Reitora, foi dirigente da Andifes – Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior.



ANDRÉ SINGER

Graduado em Ciências Sociais e também em Jornalismo pela USP, é Mestre, Doutor e Professor Livre-Docente no departamento de Ciência Política dessa universidade. Há décadas se dedica à leitura e interpretação de pesquisas eleitorais.

Foi secretário de redação da Folha de S. Paulo.

Nos dois primeiros mandatos de Lula, foi Porta Voz e secretário de Imprensa da Presidência da República.

Entre seus livros mais conhecidos estão *Os sentidos do lulismo* (2012) e *O lulismo em crise* (2018).



TAINÁ DE PAULA

Foi reeleita em 2024 para a Câmara Municipal do Rio de Janeiro, sendo a mulher mais votada no pleito.

Arquiteta e urbanista, foi secretária municipal de Meio Ambiente e Clima na gestão Eduardo Paes.

Especialista em Patrimônio Cultural pela Fundação Oswaldo Cruz e Mestre em Urbanismo pela UFRJ, é ativista desde muito jovem nas lutas populares por moradia e direitos da mulher, tendo participado da Pastoral das Favelas e diferentes lutas da população nos bairros periféricos.



SINHARA GARCIA

Graduada em Odontologia pela Universidade de Fortaleza em 2003, é especialista em Estratégia Saúde da Família e desenvolve Mestrado na Fundação Oswaldo Cruz.

Servidora municipal, realiza trabalho de base com mulheres e casais, sendo também autora de livro sobre literatura infantil.

É a principal referência no Ceará da Frente Evangélica pelo Estado de Direito.



RENATO MEIRELES

Comunicólogo e autor de livros como Um país chamado favela e Varejo para baixa renda, idealizou o Data Favela e se dedica há mais de 20 anos a pesquisas de opinião junto aos seguimentos de renda mais baixa.

É presidente do Instituto Locomotiva, depois de fundar o Data Popular, com liderança no conhecimento sobre os extratos C, D e E nas pesquisas sobre consumo e opinião.

Na juventude, foi dirigente da UBES – União Brasileira dos Estudantes Secundaristas – e ativista nas mobilizações Caras Pintadas pelo impeachment de Collor.



MONICA BUFON

Atua na área da agricultura familiar, produtora de café CONILON.

Atualmente é secretária de Jovens da Contag. Filiada ao Partido dos Trabalhadores.

Formada em Gestão Pública e curso Psicanálise.



NICOLAS SOUZA SANTOS

Trabalhador por aplicativo em Juiz de Fora (MG), desponta como uma das lideranças mais conscientes na articulação dos entregadores.

Luta para criar um programa de capacitação abrangente para moto-fretistas e outros trabalhadores, com foco em inovação, tecnologia e empreendedorismo.

Pressiona as empresas de aplicativos cumprirem a pioneira lei municipal daquela cidade, que obriga à instalação de banheiros, áreas para descanso, tomadas para carregar celular, local para se alimentar e espaços para o trabalhador secar suas roupas em dias de chuva.

Nascido em família simples e conservadora, mergulhou na leitura de livros desde a infância. Aos 30 anos, estreou no mundo da poesia, lançando *O poeta pobre*.



FAUSTO AUGUSTO JUNIOR

Formando em Ciências Sociais, foi diretor técnico do Dieese entre 2020 e 2024, após anos coordenando a subseção junto ao Sindicato dos Metalúrgicos do ABC.

É o atual presidente do Conselho Nacional do SESI.

Antes de formar-se em Sociologia, foi eletrotécnico, trabalhando em empresas como Eletropaulo e TVA. Atuou também como professor na FIA - Business School.

Possui Mestrado e desenvolve Doutorado na Faculdade de Educação da USP.



OLGA CURADO

É jornalista, escritora e consultora de comunicação para lideranças políticas, artistas e empresários. Sua graduação ocorreu na Universidade Federal de Goiás.

Trabalhou no Jornal do Brasil, O Estado de S.Paulo, O Globo e também na TV Globo.

Reconhecida especialista em mídia training, ajudou a preparar ou organizar a comunicação de campanhas de importantes lideranças políticas nacionais, inclusive na última eleição presidencial, assessorando Lula.



JORGE DUARTE

Graduado em Jornalismo e em Relações Públicas pela Universidade Católica de Pelotas, tem Mestrado e Doutorado em Comunicação Social pela Unimep – Universidade Metodista de São Paulo. Fez Pós-Doutorado na UnB.

Trabalhou na Secom entre 2004 e 2012, coordenando o Programa de Atualização em Comunicação de Governo.

Autor de 26 livros, é presidente da Associação Brasileira de Comunicação Pública – ABC Pública.

Professor de pós-graduação na PUC-MG e no CEUP-DF, desenvolve atualmente importantes funções na Embrapa.



LAURA SITO

Formada em Jornalismo pela UFRS é deputada estadual no Rio Grande do Sul, depois de ter sido vereadora em Porto Alegre.

É militante do movimento negro desde os 13 anos de idade, liderança secundarista no Colégio Júlio de Castilhos e foi diretora de Direitos Humanos da UNE.

Vem se destacando pela capacidade de articular as diferentes lutas sociais e políticas com a presença nas redes sociais.



NATÁLIA BONAVIDES

Deputada federal em segundo mandato, campeã de votos na reeleição, é advogada formada pela UFRN, com Mestrado em Direito Constitucional.

Iniciou sua militância no movimento estudantil e se elegeu vereadora de Natal (RN) em 2016. Disputou a eleição em segundo turno para a Prefeitura dessa capital em 2024.

Advogada de movimentos populares defendendo o MST e a população de rua, tem forte atuação nas lutas feministas e na Marcha Mundial das Mulheres, bem como em diversas pautas dos Direitos Humanos.

Em seu mandato, prioriza os temas da democratização das comunicações. Integrou a CPMI das Fake News, mantém presença destacada nas redes sociais e defende a urgente regulação das plataformas digitais e seus algoritmos.



JOSÉ LUÍS FIORI

Doutor em Ciência Política pela USP, com pós-doutorado em Economia Política pela Universidade de Cambridge.

Professor titular (aposentado) e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Gaúcho, exilou-se no Chile aos 19 anos, em 1965, onde concluiu sua primeira graduação acadêmica. Deixou aquele país com o golpe de Pinochet.



PEDRO SILVA BARROS

Pesquisador na equipe permanente do IPEA desde 2009, foi diretor de assuntos econômicos da Unasul, entre 2015 e 2018, atuando no Equador. É autor de vários estudos e publicações sobre a América Latina.

Graduado em Economia e também em Direito pela USP, foi professor de Economia na PUC-SP.

Com títulos de Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado, integra a equipe do Ministério do Planejamento, na área de desenvolvimento e integração sul-americana.



MARCELO ZERO

Sociólogo, especialista em Relações Internacionais, é assessor da bancada do PT no Senado.



MOJANA VARGAS

Doutora em Estudos Africanos pelo Instituto Universitário de Lisboa, possui Mestrado em Relações Internacionais pelo Programa San Tiago Dantas (Unesp-Unicamp-Puc/SP) e graduação em História - Bacharelado e Licenciatura, pela Fac. de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP (2004). Tem interesse na área de História Política, com ênfase em Política Externa do Brasil, atuando principalmente nos seguintes temas: África nas Relações Internacionais Brasileiras e Política Africana. Atualmente é docente no curso de Relações Internacionais da Universidade Federal da Paraíba e Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro-brasileiros e Indígenas da mesma instituição.



CRÉDITOS DA IMAGENS DA CAPA

Paulo Freire - Acervo CSBH/FPA, crédito: Nicola
Florestan Fernandes - Acervo CSBH/FPA, crédito: Autoria desconhecida
Eduardo Suplicy - Acervo CSBH/FPA, crédito: Autoria desconhecida
José Dirceu - Acervo CSBH/FPA, crédito: Autoria desconhecida
Olívio Dutra - Acervo CSBH/FPA, crédito: César Ogata
José Genoíno - Acervo CSBH/FPA, crédito: Autoria desconhecida
Paulo Paim - Acervo CSBH/FPA, crédito: Autoria desconhecida
Benedita da Silva - Acervo CSBH/FPA, crédito: Roberto Parizotti
Mário Pedrosa - Acervo CSBH/FPA
Manoel Conceição - Acervo pessoal
Maria da Conceição Tavares - Acervo CSBH/FPA, crédito: Roberto Parizotti
Marco Aurélio Garcia - Acervo CSBH/FPA, crédito: Roberto Parizotti
Antonio Candido - Acervo CSBH/FPA, crédito: Autoria desconhecida
Flavio Jorge - Acervo CSBH/FPA, crédito: Autoria desconhecida
Jacob Gorender - Acervo CSBH/FPA, crédito: Roberto Parizotti
Zilah Abramo - Acervo CSBH/FPA, crédito: Roberto Parizotti
Luiz Gushiken - Acervo CSBH/FPA, crédito: Autoria desconhecida
Lula - Ricardo Stuckert

Marisa Letícia - Ricardo Stuckert
Dilma Rousseff - Roberto Stuckert Filho
Fernando Haddad - Ricardo Stuckert
Mário Pedrosa - Acervo CSBH/FPA, crédito: Autoria desconhecida
Sérgio Buarque de Holanda - Acervo pessoal
Sérgio Mamberti - Acervo CSBH/FPA, crédito: Roberto Parizotti
Augusto Boal - Acervo CSBH/FPA, crédito: Autoria desconhecida
Henfil - Acervo CSBH/FPA, crédito: Wagner Avancini/Angular
Gonzaguinha - Arquivo nacional
Bete Mendes - Crédito: Câmara dos Deputados
José de Abreu - Crédito: Reprodução TvPT
Lélia Abramo - Acervo CSBH/FPA, crédito: Sérgio Mekler
Antonio Pitanga - Ricardo Stuckert/PR
Antonio Grassi - Arquivo nacional
Guta Stresser - Ricardo Stuckert/PR
Catarina Abdalla - Acervo pessoal
Paulo Betti - Acervo CSBH/FPA, crédito: Roberto Parizotti
Elis Regina - Arquivo nacional
Perseu Abramo - crédito: Roberto Parizotti
Lula assinando Ata de fundação do partido, crédito: Juca Martins




F U N D A Ç Ã O
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

PT


PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO *que transforma*

 @fpabramo

 @fpabramo


 Fundação Perseu Abramo

 (11) 5571-2609

 fpabramo.org.br

 teoriaedebate.org.br

 fpabramo.org.br/focusbrasil

 Rua Francisco Cruz, 234 - 04117-091
Vila Mariana - São Paulo - SP

TEORIAeDEBATE



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores



PT
RAÍZES
NO POVO.
OLHOS
NO FUTURO.
45
ANOS

ARTE: NATHALIE NASCIMENTO